
MEMORIA

*Sobre as origens da Typografia em Portugal
no Seculo XV.*

POR ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS.

QUASI todas as Nações Europeas tem a Historia, ou Annaes da sua Typografia: Escriitores eruditos, e zelosos, que se cançarão em averiguar as antiguidades da sua patria julgárão justamente, que as que tocavão á sua Typografia não desmerecião huma parte de suas indagações, e trabalhos; e escreverão sobre isto doudas obras. Portugal porém, sendo tão rico de bons engenhos, e contando muitos, e mui illustres escritores de seus feitos, que levantarão com a penna a fama de nossa terra; não teve hum até agora, quanto nós podemos saber, que chegasse a publicar as noticias, e progressos das origens de sua Typografia, e a esclarecer esta parte assaz escura, e difficil-tosa da sua Historia Litteraria. (a)

Mouveu isto a nossa curiosidade, e entrámos em pensamentos de colligir noticias, que illustrassem as nossas antiguidades Typograficas. Revolvemos para isso nossa His-
Tom. VIII. A to-

(a) Não nos consta de obra alguma impressa sobre este assumpto, sem embargo, que alguns houve entre nós, que tratarão de apurar esta materia: sabemos que Gregorio de Freitas, Escrivão da Correição de Setubal, pessoa de não vulgar curiosidade neste genero de estudos, cuja Livraria servio de muito para a composição da Bibliotheca Lusitana do douto Abbade de Cever; havia lançado em 1750 algumas linhas para formar huns Annaes Typograficos de Portugal, e huma especie de Supplemento aos de Miguel Maittaire: foi isto porém feito com tão pouca ventura, que seus apontamentos ficando mss. ou de todo se perdêrão, ou estancárão em parte aonde estão inuteis á Nação, a quem poderão muito aproveitar.

D. Antonio Caetano de Sousa, varão de grande nome entre nossos Historiadores, tratava de escrever sobre esta parte de nossa His-

toria; corremos algumas das mais providas Bibliothecas; consultámos pessoas de bom saber, e pedimos Documentos de muitas partes; mas forão tão escassas as noticias, que alcançámos, que quasi estivemos resolvidos a deixar de as escrever; muito mais encontrando difficuldades, que bastantes erão para quebrar nosso animo, e nos fazer desistir deste trabalho. Porém valeu mais para com nosco o desejo de sermos uteis aos nossos com esse pouco que fosse, que o temor de parecermos de curto alcance, e cabedal nestas materias; entendendo, que estas noticias assim mesmo imperfeitas, e diminutas, como aqui as damos, não deixarião de servir de alguma cousa aos curiosos destes estudos, e de espertar sujeitos da Nação, para se abalançarem a maior obra, com mais largo conhecimento deste assumpto. Se conseguirmos este fim, havello-hemos por grandioso, e honrado fructo destas nossas indagações, e tentativas.

CA-

toria; mas apenas chegou a fazer huma curta Lista dos Impressores dos tres ultimos seculos, que existia entre os copiosos mss. da Casa dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, e hoje na Real Bibliotheca da Côrte.

Fr. Manoel de Figueiredo, Chronista da Ordem de Cister, e bem conhecido por seus cargos, estudos, e composições eruditas, começou de escrever huma particular Dissertação sobre a entrada, e progressos da Typografia em Portugal, de que elle faz memoria no indice de suas obras; mas ferido de gravissima doença, não pôde avançar até onde a sua idéa pensava ir, como elle mesmo se explica em huma Carta de 26 de Abril 1793; que nos mandou em resposta de huma nossa, por que o haviamos consultado sobre este assumpto; e a morte que no-lo roubou ha poucos tempos com viva saudade dos que bem conhecião seus grandes talentos, e estudos, acabou de nos privar da esperanza, que tinhamos de huma obra completa, que fizesse escusado qualquer outro trabalho nesta materia.

CAPITULO I.

Da antiguidade da Typografia em Portugal.

Poucos annos depois de seu nascimento entrou a Typografia em Portugal. Huma Nação, como a nossa, que pelo meio do Seculo XV. avultava já muito em trato de Litteratura Sagrada, e Civil, como se sabe de suas antigas escolas, e de varias composições, que trabalhou naquelles tempos; não podia deixar de acolher logo com boa sombra, e gazalhado huma tal Arte, que tanto servia de encurtar os trabalhos da escritura manual, e de propagar com maior facilidade, e energia os conhecimentos de todas as Artes e Sciencias. Ella vio com maravilha levantarem-se naquelle mesmo Seculo em tres illustres Cidades os primeiros prélos Typográficos, que sobre maneira nos honrão, e ennobrecerão naquella idade.

He com tudo mui difficil de apurar entre nós os principios desta Arte, e assentar ao certo o anno em que ella entrou em Portugal, descuido de nossos Chronistas passados, ou antes condição dos tempos, em que viverão, nos quaes sómente os rompimentos de batalhas, e feitos d'armas, e conquistas deslumbravão os olhos da Nação, e atrahião a penna dos Escretores, que não os estabelecimentos pacíficos, e menos apparatusos das Artes Liberaes, ou Mechanicas, das quaes como se forão materias menos importantes, ou não escrevêrão, ou só tocárão levemente: donde vêm, que de seus principios se nos escondeu esta parte de nossa História, perdendo-se entre as trevas do tempo, quasi toda a lembrança da sua fundação, e progressos: pelo que hoje não podêmos caminhar senão pela vereda de meras conjecturas, deduzidas de alguns factos dispersos, e fugitivos, para rastreamos a verdadeira origem, e primeiros progressos das Artes, e das Sciencias entre nós. Com este presupposto diremos o que nos tem parecido mais provavel nesta materia, seguindo huns longes, e som-

Difficuldade
de nesta
materia.

bras de verdade , como aquelle que no meio da noite escura vai atinando a lume posto em grandissima distancia.

Rejelta-se a prova , que se tira da data da Carta Executorial de D. João Manoel , Bispo da Guarda.

Alguns para datarem de mui alto a introdução da nossa Typografia recorrem á Carta Executorial de D. João Manoel , Bispo da Guarda de 13 de Outubro de 1461 , sobre o Breve do Santo Padre Pio II. , expedido á instancia do Senhor Rei D. Affonso V. para a reforma dos vestidos do Clero destes Reinos : por quanto explicando-se o Executorial a respeito da tonsura , manda , que os Clerigos tragão *Coroa aberta tão grande , e tão redonda , como a redondeza em fim daquella Carta impressa* , donde colhem , que já correndo o anno de 1461 se achava domiciliaria entre nós a Typografia dos Alemães (a)

Mas do theor da mesma Carta Executorial se vê , que alli se não fallava da Imprensa Typografica ; mas tão sómente da fôrma , ou marca da Corôa Clerical , figurada na dita Carta , segundo a redondeza do sello de chumbo , que trazia o Breve Pontificio , impressa , e estampada com o mesmo instrumento , e pela mesma fôrma , e maneira com que antigamente se figuravão nos Pergaminhos , e nos sellos de Cera , e de outras semelhantes materias os escudos , as armas , as letras , e divizas muito antes da invenção da Typografia (b).

To-

(a) Desta prova usámos nós em nossas *Memórias de Litteratura Sagrada* sobre a fé do erudito , e zeloso Author das *Memórias do Pulpito* §. XIV. pag. 117 por nos parecer então decisiva a passagem que allegára desta Carta ; mudámos porém de juizo , e não ousamos hoje encostar-nos neste arrimo , depois que houemos á mão hum traslado do Breve , e do seu Executorial , e por certo que não será este ainda o unico lugar em que nós errámos.

(b) Achão-se no Real Archivo da Torre do Tombo a Carta do Bispo , e o Breve do Papa , lançados de Leitura nova em o Liv. de Extrav. de fol. 197 v. até fol. 200 , e a Bulla original com sello maior de doze vintens no Maço 28 das Bullas n. 29. Na Bulla vem esta clausula a que a Carta se refere : *Tonsuram vel coronam largam , et rotundam , sicut plumbum praesentium deferre debeant* : O que o Bispo D. João traduz por este modo : *Tragam tonsura Clerical , e Coroa larga , e redonda assy como o sello de chumbo destas presentes letras* : e no fim

Tomemos pois mão de outras provas, que nos assegurem melhor da antiguidade de nossa Typografia. Será huma dellas a que se tira da tradição, que recolheu a curiosa diligencia de Pedro Affonso de Vasconcellos na sua rara Obra da Harmonia das Rubricas do Direito Canonico (a). Fallando elle á *Rubrica de Renunciacione*, atesta da fama, e voz constante no seu tempo, que já vinha authorizada do nosso insigne Mathematico Pedro Nunes,

Provas da antiguidade da Typografia em Portugal.

I. Prova: Tradição de nossos maiores.

manda, que os Clerigos: *Tragam Ceras aberta tão grande, e tão redonda, como a redondeza em fim desta Carta impressa segundo a fôrma do Sello de plumbo da dita Letera de Santo Padre preêdito.* E no cabo de tudo depois da testemunha do Notario se diz assim: *Esta he a grandeza, e redondeza do sello do plumbo do Papa, per qual manda, e nós per sua authoridade mandamos que sejam feitas as Ceras.* E no traslado da mesma Bulla, que se acha no mesmo Archivo no Livro de Leis Extravagantes, que compilou Duarte Nunes de Leão em 1565 a fol. 173. está por baixo della hum circulo de tinta semelhante a huma moeda de cinco reis do tempo d'agora. A mesma figura igual á do sello se imprimio no Epitome, ou Compilação II. do mesmo Duarte Nunes em 1569. Part. II. Tit. IV.

Devemos confessar agradecidos por quem nisto aproveitamos; o erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo, a quem pouco antes de sua morte, haviamos consultado sobre a origem da nossa Typografia, nos advertio por sua Carta de 20 de Abril de 1793, de que já fallámos, que nos não confiássemos no argumento, que se tirava da Executorial do Bispo D. João; e o Senhor José Anastasio de Figueiredo, Official da Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, erudito, e incançavel indagador de nossas antiguidades, e mui amigo de inquirir a verdade de nossas cousas, nos communicou depois huma Copia da dita Executorial, fielmente extrahida do Real Archivo, que acabou de nos desenganar sobre este ponto. Do mesmo anno de 1461, de 13 de Agosto he outra Carta do mesmo Bispo, por que confirma a Pedro Fernandes, criado que fôra do Infante D. Henrique, na Igreja de Santa Maria da Covilhã, em que está o seu sello pendente, impresso em Cera, e papel de figura esferica, com huma faxa em roda, por que corre hum letreiro, a qual Carta se achava no Archivo da Sé da Guarda no Maço VII. dos Documentos pertencentes aos Bispos, numero 2, de que se faz memoria em hum papel ms., que ha na Real Bibliotheca da Côrte.

(a) Temos visto tres exemplares desta Obra, hum na Livraria de S. Francisco da Cidade, outro na de S. Francisco de Enxobregas, e outro da Real Bibliotheca publica da Côrte.

nes, e de outros Varões mui sabedores de nossas cousas, que Leiria fôra a primeira Cidade em toda a Hespanha, que tivera a *impressão de forma*, ou de *caracteres metallicos*, quaes João de Guttemberg havia inventado na Cidade de Moguncia (a).

Com effeito para todo o homem de boa razão poderá muito a opinião destas cousas, fundada na tradição dos maiores, muito mais trazendo ella em seu abono os testemunhos de Varões doutos, vizinhos áquelles tempos, de que podião alcançar noticias certas, principalmente o do Sabio Pedro Nunes, que muito tratou as cousas, e pessoas curiosas destes Reinos, e havendo sido recolhida, e apurada por pessoa tão erudita na Historia, e natural da mesma Cidade de Leiria, como foi Pedro Affonso de Vasconcellos.

Nem se póde dizer, que este homem por elogiar sua Patria inventára a seu sabor estas noticias, porque sem prova, ou motivo solido, que nos faça desconfiar de sua fé, não havemos de pôr em hum Varão de boa fama tão baixa nodoa de seu nome, sob pena de expômos todos os outros Escriitores á mesma crise, e arruinarmos por hum geral Pyrrhonismo os fundamentos de toda a Historia.

He verdade, que não sabemos ao certo, nem quando a Typografia se hospedou em Leiria, nem quaes forão as primeiras obras, que nella se estamparão, porque a mais antiga, que appareceu até agora com data, como he a edição dos Profetas primeiros, não sóbe mais alto, que aos annos de 1494. Mas basta-nos saber, que Leiria foi

a

(a) *Superiores Rubricæ, quas Leiriæ otium nobis dedit jure suo postulare videntur, ut &c. Nec mirum si homo Leiriensis Leiriæ a multis annis extinctam litterarum impressionem iterum excitet: ut enim mihi relatum est ex testimonio multorum, qui se id a Petro Nonio Cosmographo Regio, maximo Mathematicorum facile principe, et a viris doctis audisse affirmabant æneas in libris scribendis formas Joannis Guttembergi apud Maguntiam inventas Leiria nostra omnium in Hispania prima apud se habuit, quod in honorem Patriæ dixisse liceat.* Part. II. no princ. edição de Coimbra de 1538. 4.º

a primeira Cidade em toda a Hespanha, que recebeu a Typografia, para podermos assentar com muita probabilidade, que já pelos annos de 1470, ou pelo menos de 1474 havia nella hum Officina Typografica; por quanto no de 1470 se dá por estampada em Palencia de Hespanha a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo (a), e quando alguém queira duvidar desta edição, não se poderá negar, que em 1474 se publicou em Valença o *Certame Poetico*, ou *Trovas* de D. Bernardo Fonellar, sobre os louvores da Virgem, em varias linguas (b): donde sendo a Officina de Leiria a mais antiga

(a) Nicoláo Antonio fixa já neste anno de 1470 a introdução da Typografia na Cidade de Palencia, pela edição da Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, o que adoptou Fabricio, que na *Bibl. Med. et Inf. Latin* tom. IV. deu esta edição pela primeira, que se fizera deste Author. Prospero Marchand julga ser provavel, que Nicoláo Antonio se enganasse, sem toda via nos dizer os fundamentos, que teve para esta sua conjectura.

Joaquim Esgueira em hum nota dos *Retratos dos Reis de Hespanha*, diz, quando falla de D. Fernando Vafirma, que a obra mais antiga, que havia descoberto em toda a Hespanha fora a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo, mas da edição de Sevilha de 1477, e desconfia tambem, que Nicoláo Antonio se alucinasse. Mas de não ter encontrado outra edição senão esta, podia elle concluir com exactão, que não tinha havido outra? Elle mesmo não encontrou, nem soube da edição do *Certame Poetico dos Louvores da Virgem*, em Valença em 1474; nem da edição das Obras de Sallustio tambem em Valença; e do *Comprehensivum* de João; e do Livro de *Epidemia* de Valasco Tarentino em Barcelona em 1475, que todos são anteriores á edição Sevilhana de Rodrigo Sanches de Arevalo de 1477, e nem por isso deverá negar-se a existencia destas antigas edições.

O douto Laire na Obra *Specimen Typographiæ Rom. Secul. XV.* quer, que a primeira edição de Arevalo fosse a de Roma antes dos fins do anno de 1470, notando por isso a Fabricio, e como dando a entender, que elle attribuiria á Palencia, o que só era devido á Roma Cap. 137. Nota (a); o que tambem segue Fr. Francisco Mendes, na Typografia Hespanhola tom. I. p. 44, e 45; mas não apontão razões solidas, que convenção: houve com effeito edição em Roma em 1469, ou 1470; mas não implicava, que em hum mesmo anno houvesse duas em diversos lugares.

(b) Veja-se Vicente Ximenes *Biblioth. Scriptr. Valentinarum*: Nico-

ga de toda a Hespanha , necessariamente a havemos de suppôr já existente , ou pelos annos de 1470 , ou pelo menos por 1474 antes da edição Valenciana.

Mas como he crível , que houvesse já por estes tempos huma Officina Typografica em Leiria , se até agora não tem apparecido obra alguma de seus prélos , anterior aos annos de 1494. A resposta não he difficil : poucos Livros se imprimirão naquella idade , e delles mui poucos exemplares se estamparão ; os quaes por isso , e por sua mesma antiguidade se tem feito muito raros. Não he logo maravilha , que não tenhamos até agora visto os que se imprimirão nos primeiros tempos da Typografia Leiriense. Temos nós hoje por ventura todas as obras , que nella se estamparão depois da edição dos Profetas Primeiros de 1494 , edição de que ninguem duvida ? Ou diremos acaso , que a Typografia Leiriense só produziu naquelles tempos tres obras de seus prélos , porque até agora nos não tem vindo á noticia outras ? E diremos o mesmo de Lisboa de cujas Officinas não tem apparecido até ao presente mais edições do que treze , ou pouco mais ? E de Braga , que a penas nos tem appresentado huma ? Não tiveram as idades passadas tanto cuidado desta parte de nossa Litteratura , e industria , que nos não deixassem esperanças de podermos ainda hum dia descobrir , e saber cousas de que elles nenhuma lembrança nos deixarão.

II. Prova
Edição
das Obras
do Infante
D. Pedro.

Parece com tudo , que esta não he ainda a maior antiguidade , a que devemos subir , e que a Typografia Portugueza remonta mais acima. Isto he o que se colhe de hum Documento , que muito cumpre não deixar em silencio , qual he a antiquissima edição das obras do Infante D. Pedro , no fim das quaes se diz , que forão impressas *seis annos depois , que em Basilea fôra achada a famosa arte de imprimisão*. Desta verba attestava em 1724 o sabio Conde da Ericeira D. Luiz de Menezes , que assim

sim o lera em hum exemplar da selecta Livraria do Conde de Vimieiro, que depois se queimou no incendio do terremoto de Lisboa de 1755, o qual havia já sido da preciosa Bibliotheca do doutissimo Chantre d'Evora Manoel Severim de Faria (a).

Exemplar
da Livraria
da Casa de
Vimieiro.

Succinta, e apoucada informação nos deu o Conde de huma obra, que assim o não merecia por sua tão alta antiguidade, e raridade, deixando-nos desejosos do mais, a que se podéra estender a sua penna; he certo porém, que elle houve esta edição por hum parto da nossa Typografia, pois que logo accrescentou, que *ella podia servir de muito para mostrar a brevidade, com que a Arte da impressão se havia introduzido em Portugal*; e ainda que nos não deixou em lembrança as razões, que teve para a legitimar por nossa, certo que ella traria em si mesma vinculadas as notas, e divizas de sua filiação Portuza (b).

Nem póde negar credito a esta attestação do Conde, quem bem considerar, que elle era homem Sabio, e veridico, e muito versado em nossa Historia, e antiguidades; que tivera a seu cargo examinar os Livros raros da Bibliotheca da Casa de Vimieiro, que desta nota, ou subscripção das Obras do Infante dera conta á Academia Real

Tom. VIII.

B

da

(a) Veja-se a conta, que elle deu á Academia Real da Historia Portugueza, na conferencia de 23. de Agosto de 1794. n. 23. pag. 7.

(b) Com effeito nos primeiros tempos da invenção da Typografia não era natural, que Impressores fora de Hespanha se lembrassem de dar á estampa huma obra, que sendo escrita na Lingua Castelhana então pouco tratada, e conhecida das mais Nações, lhes não podia prometter maior extracção, e consumo. Poder-se-hia suspeitar talvez, que algum dos nossos, ou dos Castelhanos a faria imprimir em Hespanha; mas a Typografia Castelhana começou em 1470, ou em 1474, como acima notamos, quanto mais, que para contrastar o juizo do sabio Conde, que a viu, e examinou, e a deu por legitimo parto da nossa Typografia, não bastaria huma simples conjectura sem outro maior fundamento, que a appoiasse; de outra sorte desconfiaríamos a todo o instante das cousas, que se nos contão, e sobre estas desconfianças, e suspeitas passaremos facilmente a tirar a fé a toda a Historia.

da Historia Portugueza, attestando de hum Documento, que ainda então existia, e que facilmente podia ser visto, e examinado não só dos Academicos; mas ainda de todos os Sabios da Nação, a quem foi annunciado; e isto em tempos em que fervia o calor de averiguar as nossas antiguidades, e descobrir cousas raras nas Bibliothecas, e Cartorios destes Reinos.

Exemplar da Livraria da Casa dos Duques de Lafões.

Cresce a força, e pezo deste discurso com o testemunho, que aqui devemos acrescentar, do outro sabio Academico José Soares da Silva, o qual nas suas Memórias de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I. attesta de outro exemplar das Poesias do Infante, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa, e existia na Casa dos Excellentissimos Duques de Lafões, Marquezes de Arronches; affirma elle, que era *hum Livro de quarto, que continha as Obras Poeticas do Infante, e que se imprimira sem mais data, que huma, que podia ser a mais clara para saber-se o verdadeiro anno em que a impressão se inventou.* E acrescenta no fim, *que forão impressas nove annos depois de inventada a famosa Arte da impressão* (que erão palavras do mesmo Livro) *que porém não declara o anno em que se imprimirão (a):* por mui certo temos, que as mesmas razões, que abonão o illustre, e sabio Conde da Ericeira, recahem igualmente sobre a pessoa deste Academico para o havermos por tão sabedor, e veridico, como o mesmo Conde.

Resolve-se a duvida sobre as datas dos dois exemplares.

Não devemos porém disfarçar a difficuldade, que nasce da variedade das datas, que hum, e outro referem, pois que na subcripção, que vio José Soares da Silva se data a impressão de nove annos depois de inventada a Arte Typografica, quando na que o Conde trasladou, e referio em sua conta, sómente se assinalão seis annos; mas já póde ser que ou fossem duas diversas edições, que se da-

(a) Tom. I. Liv. Cap. LXXII. pag. 365. 366. . . Este Tomo foi impresso em 1730, e por consequente depois da conta, que deu o Conde da Ericeira á Academia Real da Historia Portugueza.

tarão em diversos tempos da epoca da invenção da Typografia, imitando a segunda o estylo, e formula da subscripção da primeira, ou fosse antes descuido do Amanuense, ou do compositor na impressão das Obras de hum dos dois Academicos, que ao copiar, ou compôr as taboas, corrompeu inadvertidamente a lição original, como succede muitas vezes (a). De qualquer modo que fosse, não podemos duvidar da existencia destes dois exemplares, de que publicamente attestarão dois homens de caracter, de probidade, e de não vulgar litteratura, remettendo-se para duas Livrarias tão notaveis, e conhecidas nesta Córte, aonde elles se podião então vêr, e examinar (b).

Mas não hiremos ainda por diante, sem primeiro atalhar outra duvida, que se nos pôde oppôr nesta materia. Pôde alguém desconfiar da exacção daquella nota, e declaração, que vem no fim das Obras do Infante, por nella se suppôr o nascimento da Typografia em Basiléa, quando corre como certo, que outra Cidade lhe dera o berço,

B ii

Resolve-se a duvida sobre a nota da invenção da Typografia em Basiléa, que vem nos dois exemplares.

(a) Parece, que foi esta edição a de que fáljou João de Villanueva no Folheto, que imprimio em Lisboa em 1732, para dar a amostra dos primeiros caracteres, que formára para serviço da Academia Real da Historia Portugueza, dizendo: *Porém eu entendo, que João de la Caille se engana, se he certo o que Pessias dignas de moior credito me affirmarão, dizendo-me, que na Livraria de huma das primeiras Casas deste Reino se acha hum Livro impresso em Lisboa sem data; porém em lugar della se lê nelle, que fora impressa oito annos depois de se inventar a Arte de imprimição pag. 7. e 8.*

He verdade, que esta data diversifica tambem das duas dos dois Escriptores acima citados; mas sendo facil a troca de numeros, e datas, maiormente, havendo-se tomado a noticia de memoria, não admira, que Villanueva ao escrever as confundisse, e as datasse de oito annos, o que devéra datar de seis, ou nove. São frequentes os exemplos de semelhantes erratas, e por aqui se vê, que assim como Villanueva trocou a data, igualmente a haveria trocado hum dos dois Amanuenses, ou Impressores das obras dos dois Academicos.

(b) Contra o que temos dito da existencia desta edição das Obras do Infante, pôde tirar-se huma objecção das clausulas do Prologo, ou Dedicatória, que pôz Antonio Durrea na edição, que deu no mesmo Seculo destas Obras; mas disto fallaremos ao diante no Cap. VI. Art. III.

e maiormente quando as primeiras edições, que tem apparecido até aqui das Officinas da Basileá, descem muito abaixo, isto he aos annos de 1478, sendo para suspeitar, ou que aquella edição foi supposta, e muito posterior ao tempo em que se diz publicada, ou que o Editor assim como se enganou sobre o lugar em que nasceu a Typografia, se enganou igualmente sobre a computação dos annos da sua invenção para della datar aquella obra (a).

Mas nem por taes razões havemos de esmorecer, e desamparar esta causa: se todo o fundamento desta suspeita he o nascimento, que se assigna desta Arte em Basileá, não he isto motivo sufficiente, nem para havermos por supposta a edição, nem para taxarmos de ignorante, ou de falsario o Editor. Esta Arte nasceu occultamente, os seus primeiros esboços forão clandestinos, e secretos; pois que seus inventores os recatárão por alguns tempos, para fazerem passar por mss. os primeiros Codigos, que imprimirão, estampando-os então com caracteres semelhantes

(a) O douto, e erudito Cisterciense Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta em resposta á Consulta que lhe fizemos de que acima fallamos, não approvou, que nós nos affiançassemos nesta prova. A sua só authoridade, que respeitavamos, como de Varão mui sabedor de nossas antiguidades, nos fez estremecer, e vacillar sobre o em que até então havíamos estado muito firmes; e em verdade, que bastante motivo tinha elle para assim o entender, por se suppôr naquella nota a invenção da Typografia em Basileá, o que ainda ha poucos tempos causou novidade a Raymundo Diosdato *De prima Typographia Hispanicæ etate* pag. 98... Com tudo não causou escrupulo ao erudito antiquario João Henrique Leichio, que no Supplemento a Maittaire, que vem no fim da sua Obra *De Origin, et increment. Typographiæ Lipsiensis* pag. 125. conta esta edição como huma prova de quão cedo entrou a Typografia em Portugal: *Lusitaniæ typographia celeriter innotuit et extant sane libri, iis quos Cel. Maittaireii diligentia indagavit, multi vetustiores; servantur in Bibliotheca comitis de Vimieiro Lusitanicarum splendidissima Domni Petri Principis Regii Opera quibus additur ea sexto post inventam Basileæ artem anno in Lusitania impressa esse: e a nota de Basilea, que não causou escrupulo a hum Varão natural de Alemanha, e tão sabio como elle era nesta casta de estudos, não nos deve trazer maior espanto.*

tes aos da escritura natural, para adquirirem com esta traça grandes sommas de cabedal. A desavença, e demanda que houve entre Fausto, e Guttemberg, foi a que deu occazião a descobrir-se este segredo; daqui veio não se saber depois com certeza, nem o lugar aonde começáram as tentativas desta Arte, nem as primeiras Obras, que se imprimirão. Assim que quatorze Cidades entráram depois em debate sobre o nascimento da Typografia, sendo huma dellas Basiléa, e os Historiadores, e Bibliografos, que mais tratáram das origens, e progressos desta Arte, até agora se não tem acordado entre si sobre o lugar, que a vio nascer.

Póde ser pois, que a noticia, que corria abonada com maiores creditos nos tempos do Editor das Obras do Infante, dêsse a invenção desta Arte a Basiléa: com effeito a não ser assim, como era praticavel, que elle se enganasse nesta parte, e attribuisse este invento a Basiléa, se a voz geral o dêsse então a Moguncia? Ou como he crível, que se fosse supposta esta edição, a datassem com huma nota, que por si mesma descobria logo a sua supposição, e falsidade?

De mais, não só se conta Basiléa entre as quatorze Cidades, que disputáram a gloria desta invenção a Moguncia; mas até pretendem alguns, que ella appresentou o primeiro parto da Typografia tabularia na impressão do Livro *Reformatorium vitæ morumque Clericorum*, publicado nos annos de 1444, e ainda até agora se não mostrou com fundamento decisivo, que ou era falsa a data deste Livro, ou que elle não fôra producção de Basiléa (a).

Pelo que com muita reflexão accrescentou o douto Conde da Ericeira, a quem não erã desconhecidas as controversias, que nisto havia, que a edição das Obras do Infante podia servir de muito fundamento para disputar á

Ci-

(a) Póde ver-se João Jorge *Disert. de Libro quodam unde Basiliensis Typographiæ inventionem asserere quidam conantur*, que vem no Mercurio de Suissa de Agosto de 1734.

Cidade de Moguncia a gloria desta invenção. No mesmo pensamento entrou depois João Henrique Leichio fallando desta edição: *Apparet etiam hinc gloriam, quam Moguntini dicunt esse suam, Argentoratenses repetunt, Harlemenses vero suam esse contendunt, Basilienses jam olim sibi tribuisse (a)*.

E com effeito se este ponto he obscuro, e embarçado, se se não acha ainda decidido com clareza, se ainda hoje disputão os Escretores sobre o lugar do nascimento da Typografia, certo, que o testemunho do nosso Editor, longe de dever pôr-se em rejeição, e desabono, he talvez o documento mais subido, que apparece em toda a Historia Typografica para fixar o paiz nativo desta Arte, pois que elle parece ser anterior á Chronica de Trithe-mio, e á outra Anonyma de Colonia, que são dos monumentos mais antigos, que se costumão trazer sobre as origens Typograficas.

Accrescentaremos ainda a tudo isto, que posto que depois corresse, como huma geral opinião em muitas partes, que Moguncia fôra o berço desta Arte, todavia he hoje assentado entre os que melhor averiguárão estas materias, que ella o foi sómente da Typografia de fundição, que se aperfeiçoou pela invenção de caracteres moveis, e metallicos, qual hoje temos, e não da Typografia Tabularia de esculptura, que constava de caracteres immoveis, e relevados em pranchas de madeira, que foi o primeiro genero de Typografia, que se inventou, que esta negão constantemente Marchand, Meerman, e outros muitos, que fosse parto de Moguncia. Acaso pois desta pri-
mei-

(a) *De Origine, et Incremento Typographiæ Lipsiensis* no Supplemento a Maittaire pag. 125. o P. Fr. Manoel de Figueiredo na sua Carta, sem embargo de não reconhecer a authoridade da nota do Editor das Obras do Infante; toda via estava no conceito, de que Moguncia não fôra o nascedouro da Typografia. Eu me detive, diz elle, para conciliar as opiniões respectivas ao Author da mesma Arte dentro das balizas da Europa, e ainda que não decidi a favor dos Moguntinos, escrevi bem larga tenção.

meira especie de Impressão , se datava naquelles tempos a origem , e invenção desta Arte em geral , e se attribuia então a Basilea , como outros depois a quizerão attribuir a Harlem (a). Pelo que não ha por ora razão bastante para desconfiarmos da nota do Editor das Obras do Infante, e deixarmos de aproveitar o argumento , que della se tira para datarmos a nossa Typografia de tão subida antiguidade.

Isto posto podemos dizer com muita probabilidade , sem que pareçamos arremeçados por demasiado amor Conclusão
de tudo. de nossas cousas , que Portugal foi das primeiras Provincias fóra de Hollanda , e de Alemanha , que recebêrão a Arte Typografica , e que elle pôde datar com muita verosimilhança a sua entrada pelos annos de 1464, ou 1465, levando assim a dianteira a muitas Cidades da Europa, que se gabão hoje de grandes Letras (b).

Isto

(a) Tem apparecido diversas Obras impressas neste genero de Typografia, que pela imperfeição, e rudeza de fabrica, e esculptura dos caracteres em pranchas de pão, assaz mostrão, que são das primeiras producções desta Arte, das quaes toda via se ignorão inteiramente os seus Artifices, e o tempo, e lugar em que nascêrão, sem se poderem attribuir mais a huma Nação do que a outra, como adverte Marchand, na Historia da Impressão Sect. II. §. II. pag. 14, e 15. Taes são por exemplo *hum Manual*, ou *Hologium Beatæ Virginis Mariæ: Aes memorandi notabilis per Figuras Evangelistarum: O Cantico*, ou *Historia Beatæ Virginis: Historia S. Joannis Evangelistæ: Speculum humane Salutis: Confessionalia*: hum *Psalterio*, e outros mais Livros, dos quaes se conservavão alguns ha poucos annos em Harlem, e nas Livrarias do Conde de Pembrock, de Viffenbach, de Vilembrouk, e de Schelhorn; e sobre tudo a rarissima Obra *Traclatus brevis ac valde utilis de arte et scientia bene moriendi*, em 4.º As letras abertas por huma mão vacillante, e ainda pouco assente, a tinta desbotada, e desigual, as figuras, pelo dizer assim, *exangues*, e *estrigosas*, tudo indica a subida antiguidade destas edições.

(b) Sendo provavel o nascimento da Typografia entre os annos de 1450, e 1455 segundo a melhor opinião, e sendo as Obras do Infante impressas 6, ou 9 annos depois da sua invenção, fica provavel pelo menos a introducção da nossa Typografia pelos annos de 1464, ou 1465, tempo em que tambem se estabeleceu em Suhlaco a primeira Typografia de Italia. Pelo que crível he, que tivessesemos Pielos

Isto he o que podémos alcançar da origem de nossa Typografia, seguindo os rastros, e vestigios da tradição dos maiores, e o resultado da Legenda da edição das Obras do Infante: e na verdade bem considerado o discurso de tudo o que temos dito, assaz máo de contentar seria, quem para prova de feitos tão antigos desejasse melhores argumentos, visto que as idades não tiverão cuidado de nos deixar com mais clareza a noticia destas cousas. Mas ponhamos fim a este arrazoado por evitar a prolixidade, em que já cuidamos ter cahido, e passemos a fazer particular memoria dos diversos generos de Typografia, que entre nós houve: das Cidades em que se estabelecêrão naquelles Seculos Officinas Typograficas: dos Impressores estranhos, e nacionaes, que então tivemos, e das Obras, que sahirão de seus prélos, quanto o permittirem as escaças noticias de nossa Historia: e em quanto, ou a casualidade, ou a diligencia nos não descobre documentos, que ou mostrem o que está occulto, ou desembarassem o que ainda está incerto, e duvidoso.

C A P I T U L O II.

Das tres Classes de Typografia em Portugal.

Classe I.
Typografia
de Livros
Portugue-
zes.

No Seculo XV. houve tres classes de Typografia em Portugal, a saber a Typografia Portugueza, a Hebraica, e a Latina.

E

Typograficos pouco depois de Basiléa, Harlem, Strasbourgo, Mougancia, e Sublaco, que são as que hombraão em maior antiguidade Typografica, e por consequente antes de muitas Cidades de Alemanha, e de Italia, e antes de França, Inglaterra, e Hespanha; pois que as que madrugárão mais cedo, só apparecem com Obras de seus Prélos depois dos annos de 1465. Com o que se póde occorrer á opinião de Prospero Marchand, que em huma Memoria de sua propria letra, que conservava D. José da Silva Pessanha, e que vio nosso amigo, e honrado Francisco José da Serra, Chronista dos Estados Ultramarinos, lançava a Epoca da nossa Typografia para os annos de 1480.

E pelo que toca á Portugueza, isto he, á impressão de Livros em linguagem, parece que esta foi entre nós anterior ás outras duas, e que começou de se estabelecer poucos annos depois do nascimento da Typografia na Hollanda, ou na Alemanha, segundo o que havemos discorrido no Capitulo II. de sua origem, e antiguidade em Portugal. He certo com-tudo, que os Impressores Estrangeiros forão os que vierão assentar os nossos prélos, e ensinar-nos esta Arte; mas por ventura quizerão dar as primeiras amostras della na estampa de Livros Portuguezes, que logo podessem correr mais facilmente pelas mãos de todos. Esta Typografia porém não fez grandes avanços naquelle seculo, ou porque della não curarão muito os impressores estrangeiros, ou porque os estudos dos nossos se voltarão para os Livros Latinos, que se estimavão então mais que os Portuguezes.

Seguiu-se a esta a Typografia Hebraica; ella nos veio transplantada de Italia, e por mãos dos Hebreos, que erão os unicos naquelles tempos, que a estabelecção, e propagavão por toda a parte; por quanto os Judeos, maiormente os Alemães da Cidade de Spira, que havião passado á Italia, tinham levantado os seus primeiros prélos nas Cidades de Socino, de Piobe, de Pesaro, de Bolonha, e de Ferrara, e destes vierão alguns a Portugal, para onde muito os attrahia e convindava a grande quantidade, que cá tinhamos de Judeos estrangeiros, e nacionaes, e a esperança do grosso lucro, que lhes promettia o muito fervor, com que então se tratavão os estudos da Litteratura Sagrada nas Synagogas deste Reino.

Suspeitamos, que os Judeos Portuguezes da Academia de Lisboa, e os da Communa de Leiria, que muito figuravão naquelle seculo, querendo aproveitar-se de hum invento, que com tanta facilidade podia multiplicar os Livros de sua Lei, forão os que com mais ardor, e deligencia chamarão a si de algumas partes da Italia a estes primeiros Impressores, para virem exercer entre elles esta Arte; e com effeito não sabemos, que se levantasse

Classe II.
Typografia de Livros Hebraicos.

Typografia Hebraica senão nas duas Cidades de Lisboa, e Leiria.

Ella appareceu entre nós, quanto podemos conjecturar, hum pouco mais tarde, que a Typografia Portugueza; porém muito mais cedo, que a Latina. Provavel he, segundo o que temos de notar ao diante, que nós a tivéssemos já pelos annos de 1485, tempo em que ainda a não tinha nenhuma outra Cidade da Europa, excepto as cinco de que acima fallamos, isto he, Socino, Ferrara, Piobe, Bolonha, e Pesaro, que são as que remontão nesta parte á maior antiguidade.

Esta Typografia começou de luzir com grande esplendor e apuramento; e pelas brillhantes edições que logo apresentou de seus prélos, bem fundadas esperanças nos dava de apostar perfeições e gentilezas com todas as Officinas das Nações estranhas. Entrou porém em nossos Reinos com má estrea, e foi sua existencia de curta duração; porque a vio acabar o mesmo Seculo, que a vira nascer. O odio com que olhavam os Hebreos; a desconfiança em que estavamos de todos os seus Livros Hebraicos, suppondo ser desvario tudo o que nelles se escrevêra; e o temor de que por meio da impressão se propagassem as doutrinas do Talmud, de que tanto mal se havia dito; excitárão os clamores de alguns Christãos, que com mais piedade, que sabedoria desaprovárão indistinctamente todas as Obras de Hebraismo, e trabalhárão por arrancar em seu mesmo nascimento este ramo de Litteratura Sagrada, de que podiamos ter colhido grandes fructos. Por fim o Decreto de 1496 que desterrou de Portugal os Hebreos, e o outro de 1497, por que se prohibio aos que cá ficárão a titulo de conversos todos os Livros em Hebreo; desanimou inteiramente a Litteratura Hebraica, tornou inuteis os seus prélos, e fez sahir de Portugal para estranhas terras huma Typografia tão util e vantajosa, que então nos honrou por suas illustres producções, e que ainda hoje nos podia muito ennobrecer com suas obras (a)

A

(a) Refere este Decreto Fr. Pedro Monteiro na *Historia da Inqui-*

A Typografia Latina entrou igualmente em Portugal naquelle Seculo; ella se propagou ainda mais, que a Typografia Hebraica, pois se estabeleceu nas tres Cidades de Lisboa, Leiria, e Braga: nem podia deixar de ser vulgar, e de mais uso por serem os estudos da Latinidade, os que mais tratavão os Ecclesiasticos naquelles tempos, e os em que quasi se assommava naquella idade toda a erudição e Litteratura dos homens sabios. Muito se deveu nesta parte á diligencia, e persuasão dos illustres Mestres Antonio Martins, Cataldo Parisio de Siccilia, Freixenal, e outros mais que trabalhavão por inspirar nas Escolas de Portugal o mesmo gosto da Latinidade, que excitava o doutissimo Nebrissa nas de Castella; os quaes promovião por sua authoridade a impressão dos Livros Latinos para uso dos estudos, que então corrião. Com tudo esta Typografia não sobresahio entre nós com a mesma gala e luzimento, que a Hebraica, conservando-se até aos fins daquelle seculo, e ainda quasi até o meio do seguinte sem maior adiantamento e perfeição.

Classe III.
Typografia
de Livros
Latinos.

Quanto á Typografia Grega, corremos no Seculo XV. a mesma sorte, que quasi todas as mais Nações; porque sabido he que á excepção de mui poucos Livros Gregos, que se imprimirão em Milão, e Veneza, della se cuidou muito pouco naquelles tempos, ficando esta gloria reservada ao incomparavel varão Aldo Manucio, que pelos annos de 1500 começou de a propagar e aperfeiçoar na sua Officina de Veneza, e a Gilles Garmont, que pelos annos de 1507 a introduzio nas Officinas de Pariz (a).

De como
não houve
entre nós
Typogra-
fia de Li-
vros Gre-
gos.

C ii

CA-

sição. Tom. II. pag. 429, 430. Exceptuárão-se tão sómente os Livros de Medicina, e Cirurgia; e assim mesmo só a respeito dos Judeos Conversos, que já fossem Fysicos, ou Cirurgiões antes de sua Conversão.

(a) No Seculo XV. pouco se imprimio dos Autores Gregos: apenas se estampou em Milão em 1476 a *Grammatica de Lascaris*, e as *Obras de Dion Cassio*, por *Dionysio Paravisino*, em 1483 o *Psalterio Grego*, e *Latinos*, em 1494 as *Sentenças Moraes*, e *Verses Colligidos por Lascaris*, e dedicadas a *Pedro de Medicis*; em 1490 em Veneza o *Ethymologicant*

4/

CAPITULO III.

Das Cidades de Portugal em que se erigirão Officinas Typograficas no Seculo XV.

QUANTO ás Cidades de Portugal, em que se erigirão Officinas Typograficas no Seculo XV, não nos consta com certeza senão de tres Leiria Lisboa e Braga.

§. I.

Leiria.

E pelo que toca a Leiria já della fallamos no Cap. I. Ainda, que se não tenha até agora descoberto obra alguma de seus prélos, anterior ás que sahirão de Lisboa, todavia ficou em tradição, que esta Cidade não só tivera Officina Typografica, antes que a mesma Capital do Reino; mas fôra a primeira em toda a Hespanha, que recebêra e exercitára a Typografia (a). Ora o primeiro Livro de que temos noticia, que se imprimisse em Hespanha, segundo já notámos, foi a Historia de Rodrigo Sanches de Arevalo em Palencia no anno de 1470, ou pelo menos o Certame Poetico dos Louvores da Santa Virgem em Valença em 1474; donde podemos conjecturar, que já por 1470, ou por 1474 tínhamos em Leiria hu-

Magnum, em 1495 huma Collecção de Grammaticos Gregos Theodoro, Apollonio, e Herodiano; em 1497 huma Collecção de varias Obras de Aristoteles, de Philo, e de Theophrasto; e em 1498 as Comedias de Aristophanes (ambas astas duas Obras já por Aldo) e pouco mais.

(a) Já citamos o testemunho de Pedro Affonso de Vasconcellos, natural de Leiria, na sua rara Obra: *De Harmonia Rubricarum Juris Canonici*, que se refere a Pedro Nunes, Cosmografo Mór de Portugal, e ao de outros Varões doutos; veja-se o lugar acima citado no Cap. I.

huma Officina Typografica ; he certo , que por 1494 florecia nella huma Typografia Hebraica de grande nome , e he provavel , que os Judeos Soncinates fossem os primeiros , que a trouxessem áquellas partes (*a*). Honrou-se esta Cidade com prélos não só Hebraicos ; mas tambem Latinos , e Portuguezes , que produzirão alguns Livros , hoje raros , de que faremos memoria em seu lugar. Parece Porém , que as suas Officinas acabárão nos fins do mesmo Seculo XV , pelo menos a Typografia Hebraica descahio de todo com a extinção da communa dos Hebreos , que alli havia.

§. II.

Lisboa.

Lisboa foi a segunda Cidade de Portugal , que apresentou em utilidade das Artes e das Sciencias bem providas Officinas Typograficas , em que se estampárão Livros Hebraicos , Latinos , e Portuguezes. Não sabemos em que anno se erigirão ; mas parecendo muito provavel , segundo o exame , e combinação , que fez o erudito Rossi , que a primeira edição do Livro *Sepher Orach Chaim* R. Jacob Ben Ascer , de que fallaremos adiante , foi obra dos prélos Lisbonenses ; podemos assentar com probabilidade a sua Epoca pelos annos de 1481 , tempo em que se imprimio aquelle Livro (*b*).

Bra-

(*a*) Maittaire , que muito averiguou as origens , e progressos da Typografia , não duvida de assentar , que os Judeos Soncinates havião trazido seus prélos a Leiria. Ann. Typog. Tom. I. pag. 313. Orlandi querendo dizer o mesmo nas Origens , e Progressos da Estampa pag. 214 , confunde Leiria com Liria , Lugar no Reino de Valencia. Desta Typografia falla além de Maittaire Prospero Marchand na Historia da Impressão pag. 88.

(*b*) Advertimos aqui , que os Hebreos nas edições Lisbonenses algumas vezes punhão *Isbona* por *Lisbona* , como se acha entre outras na edição do Pentatheuco Olisiponense , e no Codigo mss. do Canon de Avicenna , copiado em Lisboa , que existe na Bibliotheca de Medicis , no qual se diz *Isbona* (não *Asbona* como se escreveu no Catalogo da-

Braga.

Braga foi a terceira Cidade , que se honrou e ennobrecceu com a Typografia naquelle seculo , offerecendo ao público as primeiras producções desta Arte pelos annos de 1494, ou talvez antes. A sua Typografia quanto até aqui nos tem constado, foi a principio de Livros Latinos, que eraõ os de mais trato , e uso em huma Cidade , em que só figuravão os estudos do Clero.

Não sabemos de outra Cidade do Reino , que naquelle seculo tivesse Typografia. O Porto, Coimbra, Evora , e Viseu só no Seculo XVI he que virão erigir os seus prélos; e as Villas, e Lugares do Reino, que nos deirão producções Typograficas, só apparecem com ellas ou no mesmo Seculo XVI, ou ainda mais tarde; e assim mesmo entendemos, que só tiverão prélos portateis por algum tempo, que alli levirão os Impressores das Cidades. (a)

CA-

quella Bibliotheca) como adverte Rossi de Orig. Typ. pag. 48. Lese na Geografia do Nubiense , segundo Casiri , *Asbona*.

(a) O nosso particular amigo , e honrador , e digno Socio da Real Academia das Sciencias , o Excellentissimo Senhor D. Fr. Alexandre da Sagrada Familia , Bispo de Malaca , cuja vasta , e apurada Litteratura honra a Nação , e o Seculo , nos assegurou , que tinha visto entre os papeis da curiosa Livraria de Gregorio de Freitas , Escrivão da Correição de Setubal , de quem já acima fallamos , huma Lei de nossos Príncipes , impressa na Cidade do Porto , no Seculo XV , e pela ter visto ha muitos annos não nos pôde dar noticias mais individuaes desta impressão. Com effeito era de esperar , que em huma Cidade tão principal do Reino , de tão grosso trato , como então já era o Porto , se estabelecesse esta Arte a par das outras , que alli havia , e que a vizinhança de Braga , aonde se tinha levantado huma Officina Typografica , despertasse a curiosidade de a erigir tambem nesta Cidade. Com tudo como não apparecem outras obras daquelle tempo , que fossem alli impressas , julgamos , que a edição daquella Lei seria producção dalgum prélo portatil , que alli passasse , como succedeo depois em outras terras deste Reino.

CAPITULO IV.

Dos Impressores do Seculo XV. em Portugal.

P OIS que a Arte Typografica contribuiu maravilhosamente para os progressos das Artes e das Sciencias, e para a reputação dos Varões sabios de Portugal, justo he, que consagremos respeitosa-mente a memoria dos seus Artifices, honrando com particular lembrança, os que a exercitá-ão entre nós naquelle seculo. Forão elles de duas Classes, Hebreos, e Christãos. Fallemos de huns, e outros.

ARTIGO I.

Dos Impressores Hebreos em Portugal.

Os primeiros Impressores, que apparecê-ão entre nós, quanto até aqui podêmos descobrir, forão Judeos Estrangeiros, que vierão a Portugal de diversas partes de Italia. A pratica em que estavão os Judeos de multiplicarem os exemplares da Lei para uso de suas Synagogas, e dos mesmos particulares, fazia com que tambem se multiplicassem os Impressores da Nação. Noticia nos ficou dos tres seguintes, que certo forão dos primeiros, que pozerão mão nestes trabalhos.

Rabban Eliezer.

Era Impressor em Lisboa pelos annos de 1489, em que imprimio hum *Pentatbeuco Hebraico* com os Commentarios de R. Moyses Nahmanide, e por 1492 em que deu huma edição de Isaias, e Jeremias, duas obras, de que fallaremos em seu lugar.

Rab Tzorba.

Este tambem foi Impressor em Lisboa, e na mes-
ma

ma Officina de Rabban Eliezer pelos annos de 1489, em que imprimio de parceria com elle o Pentateuco Hebraico, de que acima fallamos.

Zacheo.

Zacheo filho de Rabban Eliezer foi outro Impressor em Lisboa pelos annos de 1491, em que publicou o *Pentatbeuco Hebraico* com a Paraphrase Chaldaica de Onkelos, e Commentarios de R. Salomão Jarchi.

Não podemos alcançar noticia de outros (a): o pouco acolhimento, ou antes odio, que os Hebreos acharão entre nós os Christãos, e as desventuras, que tiverão de soffrer desde o anno de 1496 os desanimarão, e estorvarão de proseguir em seus trabalhos; nem d'entre os mesmos, que cá ficarão, e se tornarão Christãos, podia haver hum só, que se animasse a continuar em suas Obras Typograficas pelas razões, que já tocamos no Cap. I. fallando da Typografia Hebraica.

A R T I G O II.

Dos Impressores Christãos em Portugal.

Depois dos tres Impressores Hebreos de que temos fallado, entrão a apparecer alguns dos Christãos: erão elles Estrangeiros, que se passarão a Portugal das partes da Italia, e de Alemanha, e vierão propagar entre nós as Officinas Typograficas, de que daremos aqui noticia.

§. I.

(a) Suspeitamos, que em Lisboa exercitaria esta Arte Moyses, Impressor, filho de Scem-Tov, que na edição do Livro *Mikre*, ou *Makre Dardeki*, isto he, *Lição dos Parvulos* em fol., que Wolfio crê ser impresso em Constantinopla, e Rossi em Napoles, se diz, *Judeo Estrangeiro, e antes habitador da Santa Synagoga de Lisboa.*

Não contamos na Classe dos Impressores Hebreos, que tivemos, a Rabi Arba, porque a edição do Commentario de R. Moyses Nachamanide, em que se acha o seu nome, não he a de Lisboa de 1489 mas a de Italia de 1490 as quaes Wolfio confundio.

§. I.

*Impressores Alemães em Portugal**Nicoláo de Saxonia.*

Este Impressor foi hum dos mais afamados, que aquelles tempos houverão: tinha elle sua Officina em Lisboa aonde imprimio o Breviario Eborense do Arcebispo D. João da Costa por 1490 a *Vita Christi* da traducção de Fr. Bernardo de Alcobaça por 1495, e o Missal e Breviario Bracarense do Arcebispo D. Jorge da Costa por 1496, e 1498.

Valentino de Moravia.

Floreceu pelos mesmo tempos em Lisboa, e trabalhou com Nicoláo de Saxonia na mesma estampa do Livro de *Vita Christi*, e na de outras obras.

João Gherline.

Este Impressor foi tambem Alemão, passou a Braga, e alli assentou huma Officina Typografica, aonde fez a primeira edição do Breviario Bracarense em 1494. Parece ter sido parente de Vlrico Gering, Impressor em Pariz por 1470, de que falla Marchand sobre a Edição das Epistolas de Gasparino Pergamense (a). Julgo, que este João Gherline he o mesmo João Berlinc, ou antes Gherline, que por 1496 imprimia na Villa de Monte-Rei no Reino de Galliza, confinante com Portugal (b).

Tom. VIII.

D

Va-

(a) Historia da Impressão pag. 57.

(b) Aqui estampou por 1496 o Manual Bracarense intitulado: *Manuale Sacramentorum cum brevi Compilatione Missarum, et aliquorum Festorum, secundum consuetudinem Metropolitanae Ecclesiae Bracarensis impressum per Magistrum Joannem Berlinch Alamanum, cui finis datus Mon-*

Valentim Fernandes Mourão.

Devemos pôr nos fins deste Seculo, a Valentim Fernandes Mourão, Morão, ou Morano; também Alemão, e Escudeiro da Casa da Rainha D. Leonor, terceira mulher do Senhor Rei D. Manoel, pois que apparece com sua Officina Typografica em Lisboa no principio do anno de 1500, tempo em que escrevia a D. Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real, pedindo-lhe suas Obras para as imprimir, que lhe respondeu por sua Carta de 21 de Fevereiro do mesmo anno, que tem por titulo: *Epistola ad Valentinum Ferdinandum Moranum Typographum data 21 de Februariis anno à partu Virginis 1500*, o que bem mostra ter-se já estabelecido a sua Typografia no fim do Seculo XV (a).

Imprimio os Livros de Marco Paulo Veneziano, e com elles o de Nicoláo também Veneziano, e a Carta de hum Genovez mercador, que elle trasladou em Lingoagem, e dedicou ao Senhor Rei D. Manoel, em Lisboa em 1502 1. vol. fol. Gothico; obra rarissima de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca pública da Côrte (b).

Teve parceria com João Pedro de Bonhomini de Cremona, e imprimio com elle entre outros Livros o Catecismo pequeno da Doutrina, e Instrucção, que os Christãos hão de crer, e obrar para conseguir a bem-aventurança eterna, feito por D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta.
Lis-

ti Regio, Dominò Francisco de Caniga dominante in eadem villa, et Comitatu anno 1496 4.º Idus Junii fol.

(a) Desta Epistola se vê, que elle teve o sobrenome de Morano, ou Mourão, posto que na edição dos Livros de Marco Paulo Veneziano, nas duas edições da Grammatica de Estevão Cavalleiro de 1503, e de 1516, e em outras obras se denomina simplesmente Valentim Fernandes, e assim lhe chama o erudito Barbosa.

(b) Da Subscripção desta edição se vê, que elle era Alemão, e não Portuguez, como affirma Barbosa, e suspeitamos ser talvez o mesmo que Valentino de Moravia de que acima fallamos.

Lisboa 1504 1. vol. fol. Gothico 2.^a Edição. Imprimio tambem as Orações, e Epistolas de Cataldo Aquila Siculo com as Obras do Marquez de Villa Real em Lisboa, de que ha hum exemplar no Collegio da Graça da Universidade de Coimbra, que se acha truncado.

§. II.

*Impressores Italianos em Portugal**Christovão de Cremona.*

Passando aos Impressores Italianos, hum aponta Maittaire, qual foi Christovão, ou Christolo de Cremona, que diz fora Impressor em Lisboa em 1491, de que teria achado documentos, que assim o certificassem; não podémos com tudo ter noticia de obra alguma de seus pré-los: suspeitamos, que poucos tempos rezidiria em Portugal, e que seria o mesmo, que Christovão de Antignato Cremonense, que já em 1493 se achava em huma Officina em Veneza, para onde voltaria de Portugal (a).

João Pedro dos Boõshomës.

João Pedro dos Boõshomës, em Italiano de Buonhomini, ou Buonhomyni, ou Bognomino, em Latim de *Bonis Hominibus*, (que assim diversamente se acha escrito) foi Milanez, e natural de Cremona; parece ter tido huma Officina em Lisboa no fim do Seculo XV, porque o vemos já em 1501 estampando a Obra Grammatical de Antonio Martins, de que se usava nas escolas, de que fallaremos mais largamente nas Memorias, que temos escrito de nossa Typografia no Seculo XVI.

(a) Ann. Typogr. Tom. I. pag. 301.

§. III.

*Impressores de origem incerta em Portugal**O Mestre Ortas.*

Este Impressor tinha sua Officina em Leiria, e nella trabalhou a edição do Almanach, ou Taboas Astronomicas de Abrahão Zacuto. Parece ter sido Castelhana.

Naquella edição he qualificado com o titulo de *Viri Solertis Magistri Ortas*. Talvez seria este o mesmo, que Samuel d'Orta, Judeo, e Impressor, que deu huma edição Hebraica dos Proverbios de Salomão (b).

Impressores em Portugal, que parecem pertencer ainda ao Seculo XV.

Persuadimo-nos, que alguns Impressores, de que sómente apparecem Livros estampados nos principios do Seculo XVI, havião já erigido suas Officinas Typograficas nos derradeiros dias do Seculo XV. Taes são os seguintes:

O Editor do Sacramental.

Parece nos pertencer ainda a este Seculo o Editor do Sacramental, ou Catecismo dos Parochos do Arcediago de Valdeiras na Igreja de Leão Crimente Sanches Vercial, traduzido do Castelhana em Portuguez, e impresso em Lisboa em 1502. fol.

O Editor dos Catecismos maior, e menor.

O mesmo dizemos do Editor do Catecismo maior, de

(b) Raymundo Diosdado de primi Typog. Hisp. citate na serie dos Typografos, suspeita que seria o mesmo que Affonso de Orta de Valença pag. 123. Fr. Francisco Mendes na Typog. Espan. falla delle em 1496, em que imprimio em Valença huma obra de *Imaginibus Astronomicis* p. 92.

de D. Diogo de Ortiz, Bispo de Ceuta, e depois de Vi-
zeu, e do outro Catecismo chamado pequeno do mesmo
Bispo, impresso no mesmo anno de 1502 (a).

CAPITULO IV.

Das Edições Hebraicas de Portugal no Seculo XV.

Dos Impressores passemos ás Edições. Daremos primei-
ro por sua Ordem Chronologica as Hebraicas, de que
podémos haver noticia, começando pelas que tem certeza
de era, e de lugar, e passando depois ás outras, que
a não tem.

ARTIGO I.

*Das Edições Hebraicas de Portugal, que tem certeza
de Era, e de Lugar.*

As Edições Hebraicas, que tem certeza de Era, e
de Lugar, quanto nós podémos atégora saber, são as seguin-
tes:

*Pentatheuco Hebraico com os Commentarios
de Rabbi Moses, e Rabbi Mosche Nach-
man. Lisboa anno Judaico 249 (de Chris-
to 1489) no mez de Av. fol. nas Casas de
Rabbi Tzorba, e de Rabban Eliezer (b).*

1489
Pentatheu-
co Hebrai-
co.

He

(a) Não ousamos entender o mesmo de outros, cujas obras appa-
recerão mais tarde do que estas; como foi, por exemplo, o Editor do
Catecismo Doutrinal pequeno de D. Diogo Ortiz, e o da Regra, e
Definição da Ordem do Mestrado de Nosso Senhor JESU Christo
de 1504, e Vicente Fernandes, Editor da rara obra dos Autos dos
Apostolos de 1505. Lisboa.....

(b) Esta obra não foi impressa em 1490, como escreveu Wolfio
na Bibliotheca Hebraica no Tom. III. pag. 796, mas em 1489, como
elle mesmo reconheceu depois no Tom. IV. pag. 921, e foi em fol.,
e não em 4.º. Cumpre não confundir esta edição com a Napolitana
de 1490, da Officina de R. Arba, como fizeram o mesmo Wolfio
na Bibliotheca Hebraica Tom. III. pag. 796, e Tom. IV. pag. 921.
Marchand na Historia da Impressão pag. 84, e o erudito Author das

He em duas columnas, e em Caracteres Rabbinos de inflexão Hispanica, ou Oriental qual se usava em Hespanha por aquelles tempos. Das duas dicções *Sepher Berescid*, por que começa o Commentario, a primeira he com letras maiusculas ornadas, a segunda com letras menores quadradas, e assim vão todos os principios das Secções. Consta de 199 folhas: na epigrafe, que vem no fim, ha 36 versos em duas columnas: depois huma longa deprecação de Nachman, e huma epistola em que elle louva a Deos pelo haver ajudado a concluir a impressão de tão estimavel obra. Foi impresso doze annos depois das duas primeiras, e mais antigas edições de Livros Hebraicos, que tem apparecido atégora, quaes forão o *Commentario Rabbagiano de R. Levi Gerson a Job* em Pesaro por Abraham filho de David Chaiim em 1477, e o *Psalterio Hebraico com os Commentarios de Kimchi*, no mesmo anno. He esta edição rarissima; della tinha Jablonsk hum exemplar, que Wolfio examinou para a descripção que delle fez, outro tinha Rossi. Fazem memoria desta edição Wolfio (a) o Livro *Specilegium veterum editionum*, Marchand (b) o sobredito Rossi (c), e D. José Rodrigues de Castro (d).

Isaias, e Jeremias com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1490.

João Bernardo de Rossi attesta haver visto hum exemplar desta edição (e).

Pen-

Memorias Historicas do Ministerio do Pulpito na nota ao §. 14 do Appendix pag. 118, e Fr. Francisco Mendes na *Typografia Española* Tom. I. pag. 294. Já Rossi notou a equivocação que nisto tinha havido.

(a) *Bibliotheca Hebraica* Tom. III. pag. 697, Tom. IV. pag. 921.

(b) *Historia da Impressão.*

(c) *Indag. Hist. da Orig. da Typografia Hebraica* pag. 19.

(d) *Bibliotheca Española* pag. 99. Daqui se vê, que Portugal teve *Typografia Hebraica*, primeiro que França, que só a tivera em 1508, quando Gilles Gourmant a estabeleceu em Pariz debaixo da direcção de Tessard.

(e) *Indagação Critica sobre a origem da Typogr. Hebraica* pag. 56. Já della fallamos em outra obra pag. 273.

Pentatheuco Hebraico com o Targum, ou Paraphrase Chaldaica de Onkelos, e com os Commentarios de Rab. Salomão Jarchi. Lisboa no mez Av. anno 1251 (de Christo 1491) 2. vol. em 4.º grande (a)

1491
Pentatheuco Hebraico.

O primeiro volume comprehende o *Genesis*, e o *Exodo*, e no fim os *Tosafad*, ou *Additamentos*; e consta de 215 folhas: o segundo contém os mais Livros de Moyses, e tem 239 folhas. O caracter do Texto, e o da Paraphrase, que lhe fica ao lado, he quadrado com pontos, e accentos, aquelle maior, e este menor; o caracter do Commentario, que corre por cima, e por baixo he Hispanico Rabbínico; o titulo do Commentario he feito em letras maiores, e ornadas as duas letras, porque começa o Texto de Moyses, e a Paraphrase: o Impressor foi o Judeo Zacheo, filho de Rabbi Eliezer, como se lê nos versos que vem no fim. He esta edição pela formosura, e elegancia dos typos a mais bella, e primorosa de quantas se fizerão então do Pentatheuco, como attestão Le Long, e Rossi; e he ao mesmo tempo a mais estimavel pela sua correção, por haver sido escrupulosamente apurada sobre os mais antigos, e mais correctos Mss. de Hespanha, e segundo todas as regras da *Masóra*, ou *Critica Sagrada dos Judeos*: por essa razão em hum Livro, que elles escreverão sobre as regras, que havião de seguir os Amanuenses, e Impressores nas novas edições que fizessem do Pentatheuco, se lhes mandava, que nunca despregassem os olhos do exemplar Olisiponense. Com effeito entre elles o grande Critico Lonzano na sua obra *Or Torah* a tem pela mais exacta de quantas se havião feito (b), e todos os mais Criticos modernos não dixeão de recorrer a ella, dando-lhe sem-

(a) He em 4.º, e não em fol. como escreveu Maittaire, e Fr. Francisco Mendes. *Da Typografia Hispanbela* Tom. I. pag. 294

(b) *Editio Lusitana est omnibus editionibus accuratior* fol. 23.

sempre a mesma preferencia entre as antigas , que costumavão dar ás duas Lombrosiana , e Norziana de Amsterdam entre as modernas (*a*).

Fallão desta edição Maittaire nos *Annaes Typographicos* , (*b*) Le Long na *Bibliotheca Sacra* , Orlandi nas *Origens , e Progressos da Estampa* (*c*) Struvio na *Bibliotheca Seleêta da Historia Litteraria* (*d*), e Rossi nas Varias Lições do Testamento Velho (*e*), e na obra da *Origem da Typografia Hebraica* (*f*). Della tem hum exemplar o mesmo Rossi , Fr. Francisco Mendes (—), que o houve por donativo de Elias Levi , Presidente da Synagoga dos Judeos de Alexandria : ha outro na Bibliotheca Real de Londres , o qual conferio Benjamim Kenicot em 1767 (*g*), outro tinha Moyses Tóa , Livreiro Regien-se , de que attesta o mesmo Rossi na *Origem da Typografia Hebraica* (*b*), outro na Bibliotheca d'ElRei de França , outro tinha Crevenna (*i*).

1492
Isaias , e
Jeremias.

Isaias , e Jeremias , com os Commentarios de Kimchi. Lisboa em 5252. (*de Christo* 1492) fol. peq. na Officina de R. Eliezer (*k*).

Es-

(*a*) Donde sem razão o Author Anonymo das *Notas* , que vem na Bibliotheca Critica de Ricardo Simão vol. III. pag. 451 a taxou de pouco exacta , e trabalhada , como obra feita para uso do povo.

(*b*) Tom. I. Part. II. pag. 530.

(*c*) Pag. 211.

(*d*) Tom. III. pag. 2228. da edição de Veneza de 1763.

(*e*) Tom. I. pag. 38. §. 34.

(*f*) Cap. VI. pag. 45 , e 46.

(—) Da Typogr. Espanh. Tom. I. pag. 294.

(*g*) *Dissertação Geral ao Testamento Velho.*

(*h*) Cap. V. pag. 45. , e 46.

(*i*) *Catalogue des Livres* Tom. I. pag. 49.

(*k*) Maittaire , Wolfio , Le Long , e Mascho na edição da *Bibliotheca Sacra* de Le Long , e Rossi no *Tratado de Hebr. Typogr. Origine* , põe esta edição em 1497 , o que he engano , como depois advertio o mesmo Rossi no *Appendix da Bibliotheca Masch* pag. 28. no *Livro de algumas antiquissimas Edições desconhecidas do Texto Hebraico* pag. 29 , e no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 54. n. 15 , o que confir-

Esta edição he rarissima : apenas sabemos que existem quatro exemplares conhecidos , dois que descobrio Rossi , hum que fora de Seldeno , e se acha hoje em Oxford , entre os Livros da Bibliotheca Bodleiana , o qual vio o eruto Paulo Jacob Bruns , e o outro que havia na Bibliotheca de Crevenna (*a*). Fazem memoria desta edição Wolfio (*b*) Le Long (*c*) Maittaire (—) e seu Continuator Miguel Diniz (*) Benjamim Kenicott (*d*) Masch (*e*), e os sobreditos Bruns (*f*), e Rossi (*g*) Fr. Francisco Mendes (*b*).

Proverbios com os Commentarios de Gerson , e de R. Meir. Lisboa em 1492.

1492
Proverbios

Esta edição he tambem rarissima (*i*): segundo as noticias que temos , havia hum exemplar na famosa Bibliotheca de Oppenheimer (*k*), e outro na Bibliotheca pública
Tom. VIII. E bli-

ma o douto Bibliothecario da Academia Julia Carolina , Paulo José Bruns em a *Nota ao Supplemento sobre a Dissertação geral ao Testamento Velho de Benjamin Kenicott* pag. 557. ŷ. Anglia.

(*a*) *Catalogue de Livres &c.* Tom. I. pag. 55. n. 223.

(*b*) *Bibliotheca Hebraica* Tom. I. pag. 301.

(*c*) *Bibliotheca Sacra.*

(—) *Annal. Typogr.* Tom. I. Part. II. pag. 631.

(*) Part. I. pag. 328.

(*d*) *No Estado da Collecção , e Dissertação geral ao Testamento Velho.*

(*e*) *Na Bibliotheca Sacra.*

(*f*) No lugar acima citado.

(*g*) Nos lugares já citados , e no *Specimen Variorum Lectioum* pag. 52. 97.

(*h*) *Typogr. Espan.* Tom. I. pag. 294.

(*i*) Esta edição he deste anno , e não de 1497 como escrevêrão alguns Bibliografos , o que advertio o douto Rossi no *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 55 o *Catalogo da Bibliotheca de Oppenheimer* , publicado em Hamburgo tambem era o anno , e o lugar da Impressão : deve tambem corregir-se a passagem da *Biblioth. Sacra de Mosch* , aonde se diz , que o *Commentario de Meir* fora pela primeira vez impresso em Amsterdam em 1724.

(*k*) Della attestou Wolfio na *Biblioth. Hebr.* Tom. II. pag. 409 . e vem assignalada no *Catalogo da Bibliotheca de Oppenheissur* , publicada em Hamburgo pag. 50.

blica de Mantua (a). Fallão desta edição entre outros Wolfio (b), Rossi, Paulo José Bruns (c), Miguel Diniz (d), e Fr. Francisco Mendes (e).

1494
Profetas
Primeiros.

Profetas Primeiros com o Targum, e Commentarios de Kimchi, e de Rabbi Levi Ben Gerson. Leiria an. 254 de Christo 1494. fol.

He em Hebraico, e contém os Livros de Josué, dos Juizes, e dos Reis, com a Paraphrase Chaldaica (f); he huma das antigas edições de muita estimação, e raridade. No Catalogo da Bibliotheca Real de Pariz se faz menção de hum exemplar, que só tem a parte que comprehende os Livros dos Reis (g), Rossi conservava outro exemplar. Fallão desta edição Le Long na *Bibliotheca Sacra* (h), a obra intitulada *Specilegium Veterum editionum*, e Marchand na *Historia da Impressão* (i), os quaes só fazem memoria dos Commentarios de Gerson, e não de Kimchi, nem do Targum. Tambem della fallão Maittaire nos *Annaes Typographicos* (k), Wolfio na *Bibliotheca Hebraica* (l), Orlandi nas *Origens, e Progressos da Estampa* (m),
Stru-

(a) Bruns vio e consultou este exemplar, e depois o houve a si o mesmo Rossi, de que elle falla na *Orig. da Typogr. Hebr.* pag. 57. no *Appendix da Bibl. Sacra Manh.*, e no *Tom. I. das varias Lições do Testamento Velho* Cap. II. n. 192, e no *Apparato á Bibl. Hebr.* p. 56.

(b) No lugar acima citado.

(c) Nos lugares citados.

(d) Part. I. pag. 333.

(e)

(f) Esta edição comprehende os Profetas Primeiros, e não os Menores como alguns disserão.

(g) Pag. 19.

(h) *Tom. I.* pag. 75. *Tom. II.* pag. 327 em que só se falla do Commentario.

(i) Pag. 28.

(k) *Tom. IV.* pag. 530. pag. 570.

(l) *Tom. I.* pag. 201, e *Tom. II.* pag. 956.

(m) Pag. 214 Erra a citação de Leiria julgando ser Liria, Lugar da Hespanha Tarraconense no Reino de Valencia junto do Rio Turia.

Struvio na *Bibliotheca Selecta da Historia Litteraria* (a), o mesmo Rossi (b), e Raimundo Diosdado no *Ensaio sobre a primeira idade da Typografia Espanhola* (c), e Fr. Francisco Mendes (d).

Seder Tefilod, ou Ordem das preces de todo o anno de R. David filho de José chamado Avudrabam. Lisboa fol. an. 255 (de Christo 1495).

1495
Ordem das
Preces.

He huma obra Liturgica em Hebraico, em que se contém huma completa exposição das preces Judaicas, que Rabbi David havia composto em Sevilha, de que falla Wolfio, e Bartholocio; foi impressa, e acabada no mez de Teveth (Dezembro, e Janeiro), e em casa de Eliezer, que se diz ser Varão sabio, pio, e temente a Deos, a quem se louva nos versos, que vem no fim. Cuidamos ser o mesmo que Eliezer Impressor, de que já fizemos menção: he huma edição elegantissima, e em duas columnas, com caracter Rabbinico Hespanhol; mas os principios das Secções, Capitulos, e Orações, são formados com letras maiusculas, quadradas de extrema formosura: consta esta obra de 170 folhas, e acabada com dois poemas, hum de doze versos feito pelo mesmo Author, que nelles attesta haver composto aquella obra em Sevilha no anno 5100 da Creação do Mundo; outro de quarenta versos, em que se dá a obra por impressa em Lisboa, e se chama a Synagoga, que está em meio della, *a fortaleza, e a mãe de todas as principaes Synagogas.* Esta edição foi desconhecida dos Judeos modernos, e tambem dos Christãos;

E ii

por-

(a) Tom. 3.º pag. 2228. edição de Sena de 1763.

(b) *Apparato Hebr. Bibl.* pag. 54. *Origem da Typogr. Hebr.* pag. 54. *Apparato á Bibl. Masch.* pag. 30. *Specimen Var. Lectio. Sacr. Text. Pontif. Cod.* pag. 41.

(c) Pag. 48.

(d) *Typogr. Esp.* Tom. I. pag. 339.

porque se havia pro primeira edição a de 1514, em quanto Rossi não deu noticias della (a).

1497
Isaias, e
Jeremias.

Isaias, e Jeremias em Hebreo com os Commentarios de Kimchi. Lisboa 1497 fol. vol. I.

He terceira edição. Fazem memoria della Le Long na Bibliotheca Sacra (b) Wolfio na Bibliotheca Hebraica (c), Maittaire nos seus Annaes Typograficos (d), Orlandi nas Origens, e Progressos da Estampa (e), e Rossi na Origem da Typografia Hebraica (f)

A R T I G O II.

Das Edições Hebraicas sem nota de lugar, ou duvidosas.

1485
Livro do
Caminho
da Vida.

Sepher Orach Chaiim, ou Livro do Caminho da Vida de R. Jacob Ben Ascer ann. 245. (de Christo 1485) fol.

He huma edição de tanta raridade, e tão desconhecida, que antes de Rossi nenhum Bibliografo Judeo, ou Christão havia feito memoria della. O caracter da obra, á excepção dos titulos de cada huma das Ordenanças, e Cap-

(a) De Orig. Typogr. Hebr. Cap. VI. pag. 56. Vimos hum exemplar desta obra entre os Livros raros, que alcançou em sua viagem de Hespanha a Portugal o doutissimo varão D. Francisco Petes Bayer, Arcediago de Valença, e Bibliothecario de Sua Magestade Catholica, que no-lo communicou na sua passagem por Coimbra.

(b) Tom. I. pag. 75, e Tom. II. pag. 696.

(c) Tom. I. pag. 301, e Tom. II. pag. 399.

(d) Tom. I. Part. II. pag. 631.

(e) Pag. 211.

(f) Pag. 58. Rossi todavia confessa, que nenhum exemplar tinha visto desta edição, Le Long, Wolfio, e Maittaire, que della fallão, não a descreverão, nem nos deixarão maior noticia, notando apenas o anno, o lugar, e a fórma.

pitulos, que são em letras maiúsculas quadradas, he Rabbinico Hespanhol, ou inflexo. Consta de 98 folhas, e traz no fim hum Carmen de 30 versos, em que se louva a obra, e se faz deprecação a Deos. Aqui se diz, que foi acabada em 245 no mez Ebul. Rossi, que vio e examinou hum exemplar desta obra, crê, que a edição foi feita em Lisboa pelo caracter, que he inteiramente o mesmo, que o do Commentario de Nachman, e do Livro *Avudraham*, impressos na mesma Cidade poucos annos depois, pelo caracter quadrado, por que começa cada huma das Secções e capitulos, e pelo mesmo papel em que he impressa: o juizo de hum homem tão lidado nos estudos Bibliografos, como era Rossi, he crédor ao nosso conceito para haver-mos esta edição por Portugueza sobre a fé de seu exame (a).

Se isto assim he, teve Portugal Typografia Hebraica, não só primeiro que Alemanha, França, Castella, Polonia, Hollanda Inglaterra, Thessalonica, e Constantino-
pla; mas ainda que todas as Cidades de Italia, excepto Ferrara, Piobe, Pesaro, Socino, e Bolonha (b).

Pen-

(a) Elle a dá pela primeira obra estampada em Portugal, ou geralmente em toda a Hephania. Se entendeu fallar de Livros Hebraicos, certo que nenhum outro se tem até agora descoberto anterior ao anno de 1485; se das obras escritas em outras lingoas, Hespanha se appresenta já com producções de sua Typografia pelos annos de 1470, ou de 1474, como havemos notado no Cap. I, e quanto a Portugal provavel he, que antes de 1485 tivessemos impressão de Livros, e que fosse hum delles o das Obras do Infante D. Pedro, de que tambem já temos fallado, e de que ainda fallaremos adiante.

(b) Estas forão as cinco Cidade de Italia aonde primeiro se erigirão Officinas Typograficas Hebraicas; as que mais se apressarão em as imitar forão Brescia, Rimini, Fano, Veneza, Cremona, Mantua, Sabioneta, Verona, Padua, Liorne, Napoles, Riva, Isna, e Brixia, e com tudo nenhuma destas Cidades tem appresentado atégora, quanto nós sabemos, Livro algum Hebraico de seus prélos que remonte ao anno de 1485. As edições que sedão como anteriores a este anno, se exceptuamos as de Ferrara, Piobe, Pesaro, e Socino, são hoje havidas, humas por decisivamente falsas, e suppostas, como as de Veneza de 1428, e de 1466, e as de Ortona de 1461, e de 1476; outras suspeitas de falsidade como as de Bolonha de 1471.

1490
Pentatheu-
co com Pa-
rafrase , e
Commen-
tarios.

*Pentatheuco Hebraico com a Parafrase Chal-
daica de Onkelos, e Commentarios de Jar-
chi fol. ann. 250 (de Christo 1490).*

He sem pontos ; no meio vem o Texto com caracther quadrado , e de hum e outro lado a Parafrase Chaldaica , em letras menores quadradas , e o Commentario em Hespanhol Rabbinico ; contém o volume 264 folhas. O Editor foi Salomão , filho de Rabbi Maimon Zalmati. He em folha , como nota o Catalogo da Bibliotheca Real Parisiense , e Fabricio , e não em 4.^o como escrevem Wolfio , Le Long , e Maittaire. Nenhum destes lhe assignou o lugar da edição. Fabricio entendeu , que fora na Ilha de *Sora* , pertencente a Napoles , interpretando assim as palavras , que vem no terceiro Carmen , no fim da obra. O Erudito Rossi duvida , que se deva ler na Ilha de *Sor* , ou *Sora* , como lê Fabricio : porque elle lê como duas palavras separadas , o que he huma só : segundo , porque para indicar o nome de *Sora* , deveria o Editor usar de *vau* , como he costume , e não de *aleph* : terceiro , porque a *Sora* de Napoles não se póde propriamente chamar Ilha : quarto , porque se escreve diversamente entre os Hebreos , como se vê da edição Pisauense dos Profetas Menores de 1516 : quinto , porque ainda lendo-se *Sora* , não ha mais razão para se entender a *Sora* Napolitana , e não a *Soria* de Hespanha. Rossi lê como huma só palavra , *Iscar* , ou *Iscor* , que tambem se póde ler *Liscar* , ou *Liscor* (assim como os Hebreos dizem *Isbona* e *Lisbona*) e accrescenta , que a haver em Hespanha , ou em Portugal algum lugar deste nome , crêra com mais verosimilhança , que nelle se havia feito esta edição.

Em verdade os ornamentos das letras , e a fórma dos caracteres principalmente do Commentario de Jarchi persuadem , que a impressão se fez em Castella , ou em Portugal , e não em o Reino de Napoles , ou em outra alguma parte de Italia , aonde se usavão outros ornatos , e

caracteres diversos; e como em Castella se não tem achado até agora Typografia Hebraica naquelle Seculo, razão ha para ter como provavel, que a edição se fez em Portugal. O douto, e erudito Arcediago de Valença D. Francisco Peres Bayer, a quem haviamos consultado sobre este artigo, nos assegurou por sua Carta, que tendo examinado em outro tempo o exemplar, que havia deste Pentatheuco na Bibliotheca Casanatense, achára inteira semelhança entre os seus caracteres, e ornamentos, e os do Pentatheuco Olisiponense de 1791, e havia indubitavelmente esta obra por huma producção dos prélos de Lisboa (a).

ARTIGO III.

Das Edições Hebraicas sem nota de anno, nem de lugar.

Biblia Hebraica.

Biblia Hebraica.

He huma edição elegantissima, e muito rara, em folio, com pontos, e accentos: não traz nota de anno, nem de lugar, nem de impressor. Consta-nos sómente de quatro exemplares, e esses não inteiros, hum que existia em Amsterdam, que vio Hermano Ven de Wal nas mãos de hum Judeo daquella Cidade: outro em Pariz, que Le Long encontrou no Museo de Mr. Boislier, o qual tinha sido da Livraria de Dionysio Noli, Jurisconsulto Parisiense, outro tinha Rossi (b), outro Crevenna (c); he tradição constante dos Judeos, de que nos certifica o mesmo Hermano Van de Wal, que esta edição fora obra dos pré-

(a) Rossi tinha hum exemplar, havia outro na Bibliotheca Real de Pariz, outro na Casanatense; tinha hum Assemanno, Arcebispo de Apamea, e primeiro Bibliothecario do Vaticano, e outro Moyses Benjamim Foa, Livreiro do Duque de Modena.

(b) De Hebr. Typogr. Orig. pag. 60. e seguintes.

(c) Catalogue des Livres de la Bibliotheque de M. Pierre Antoine Belongaro Crevenna Tom. I. pag. 4. n. 11.

prélos de Lisboa; e este testemunho deve prevalecer contra as simples suspeitas de Rossi, que a quer impressa na Typografia de Socino: as suas razões sem embargo de serem de tão sabio, e profundo critico, a quem geralmente seguimos em tudo; não nos podem inteiramente convencer neste lugar.

Elle se fundou no fragmento de hum exemplar, que houve do Judeo Zacharias Padua, que lhe pareceu impressão de Socino; mas devia mostrar, que a edição deste exemplar era a mesma, que a da Biblia, que vio Hermano Van de Wal nas mãos do Judeo de Amsterdam, que os Hebreos dão por obra dos prélos Lisbonenses, e isto he o que elle não mostrou, antes parece o contrario; porque primeiramente o Codigo de Hermano Van de Wal não passa do Psalterio, e o de Rossi contém de mais os Proverbios, e Job: 2.º os Judeos que fallão desta Biblia, como testemunhas oculares, dizem que o seu caracter he o mesmo que o do Commentario Olisiponense de Nachman; e o que se acha no exemplar de Rossi não combina com elle; mas antes he mais desordenado, e mais antigo, sendo de letras Rabbinicas, e inteiramente de mui diversos typos como elle mesmo confessa; nem he verosimil, que sendo a edição Olisiponense dos Commentarios tão conhecida dos Judeos, se enganassem estes na qualificação de seu caracter.

Por tanto ficão sem pezo e efficacia as objecções, que fez Rossi em razão do caracter, e da falta de correção nos pontos do seu exemplar para suspeitar, que talvez seria impressão de Socino, visto que sendo diversas edições, como parece, já póde ser, que huma se fizesse em Lisboa, e outra em Socino, quadrando a esta ultima as notas, que elle aponta de semelhança com as edições, que alli fez Abraham Ben Chaiim de Pisauo em 1488.

Quanto mais, que ainda que o exemplar, que Rossi crêo impresso em Socino, tivesse semelhança com o de Hermano Van de Wal, nem por isso se deveria concluir, que elle fora parto da Typografia Socinense; por quanto os

Judeos Socinates forão no parecer de Maittaire os primeiros Typografos, que vierão a Portugal (*a*), e podião muito bem imprimir algumas obras entre nós com os mesmos typos, e caracteres, que houvessem trazido de Socino.

Os Judeos havião esta edição por correctissima, e affirmavão, que em hum Livro em que se continhão as regras, que devião seguir os editores nas reimpressões do Pentatheuco, se propunha esta edição por exemplar, e modello, principalmente para as letras finaes; e com effeito estas letras se achão nesta edição assim, e da maneira que alli se prescrevião, e allegavão (*b*). Fallão della os sobreditos Hermano Van de Wal, e Rossi (*c*).

Pentatheuco com o Targum, e Commentarios de Jarchi fol.

Pentatheuco Com-
mentado
por Jarchi.

Não traz nota de anno, nem de lugar; he huma edição esplendida, e elegante; tem caracter quadrado com pontos, e accentos, e parece o mesmo que o da edição do Pentatheuco de Lisboa de 1489, posto que já hum pouco mais cançado, e menos nitido; do que tudo nos informa o laborioso Rossi por hum exemplar, que vio desta edição,

Tom. VIII.

F

ção,

(*a*) Annaes Typogr. Tom. I. pag. 303.

(*b*) Julga Rossi, que os Judeos se enganarão neste conceito, porque a edição, para que os remettia aquelle Livro, não era esta; mas a do Pentatheuco de Lisboa de 1491. Com tudo, que implicancia havia para que se fizesse depois huma addicção áquelle Livro, ou se estampasse outro de novo, em que tambem se ordenasse o recurso a esta mesma edição, por ser ella muito exacta, e correcta? E com effeito ainda suppondo como suppoem Rossi, ser a sua edição a mesma, que a que os Judeos de Amsterdam julgão ser de Lisboa, lugar havia de a propôr por modello aos Impressores, pois que o mesmo Rossi attesta ser ella apuradissima, não tendo mais que alguns leves defeitos, e esses principalmente nos pontos, confessando, que na correccão excedia a mesma edição de Socino de 1488 tão celebrada por sua exacção, e apuramento.

(*c*) Orig. da Typegr. Hebraica pag. 63.

ção, que elle muito louva por seus primores Typographicos (d).

Proverbios
Commen-
tados.

*Proverbios com o Commentario de-
nominado Kavenaki fol. menor.*

Esta edição tambem não traz era, nem lugar da impressão; mas parece ter sido feita em Lisboa pelo caracter do Texto, que he o mesmo quadrado Olisiponense do Pentatheuco de 1491, e de Isaias e Jeremias de 1492. Acaso far-se-hia esta edição por aquelles annos (b). O caracter do Texto he quadrado com pontos; o da Prefação, e dos Commentarios he Rabbinico, da inflexão, e fórma Hispanica. Consta de 60 folhas, e começa pela Prefação do Interprete. Era esta edição mui pouco conhecida, e Rossi foi o unico, que a descreveu (c). Sabe-se de quatro exemplares, dois do mesmo Rossi, hum da Bibliotheca Casanatense, outro da Bibliotheca do Collegio de Propaganda, e outro da Bibliotheca de Crevenna, mal conservado (d).

Estas são as unicas obras da Typografia Hebraica, de que podémos ter noticia: muitas outras sahirão estampadas dos prélos de Portugal, que por ventura se acharão nas Copiosas Bibliothecas de Italia, de Alemanha, de Hollanda, e de Inglaterra, assim como nellas se encontrarão exemplares das que havemos atégora referido; nem he de espantar, que só em Portugal as não achemos depois das alterações, e desventuras, porque passarão os Judeos naquelle Seculo (e). Basta considerar, quão grande quan-
ti-

(d) Veja-se *Specimen Var. Eccl. Pentif. Cod.* pag. 8, e o *Opusculo das edições desconhecidas* pag. 140.

(b) Este he o juizo que fez Rossi.

(c) *Opusculo das edições desconhecidas* Cap. 3. pag. 7. do *Texto Hebr.* Cap. III. pag. 7. *Apparato Hebreo-Biblico* pag. 56. *Varias Lições do Testamento Velho* vol. I. pag. II. n. 193.

(d) *Catalogue des Livres &c.* Tom. I. pag. 54. n. 219.

(e) O erudito sabio e laborioso Rossi havia dado esperanças a D. José Rodrigues de Castro de lhe communicar particulares noti-

tidade de Livros Hebraicos não sahiria de Portugal para estranhas terras, pelo desterro, e dispersão dos Judeos, que não quizerão mudar de crença, e pela deserção de muitos outros, que cá tinham ficado a titulo de conversos; como elles erão naquelles tempos os maiores depositarios da Litteratura Hebraica, os unicos Artifices, que imprimirão Livros deste genero; e quasi os unicos Senhores, que possuíão estas obras, consigo levárão a maior parte dellas para os Reinos estrangeiros, aonde forão buscar asylo, e domicilio.

Nem os mesmos Judeos, que se deixárão ficar entre nós com sombra de Christãos, poderão conservar-nos exemplares destas Obras, antes erão forçados a abandonallos, e remetellos para fóra do Reino em consequencia da fatal prohibição, que se lhes fez em 1497 do uso de todos os seus Livros Hebraicos, sem pelo menos se exceptuarem, como cumpria, os Livros Sagrados do Testamento Velho, aos quaes foi culpa, ou estarem escritos na Lingua Santa, em que primeiro havião sido revelados por Deos, ou serem impressos por homens de diversa crença da nossa, ou acharem-se commentados, e illustrados por seus Rabbis (a). Que se alguns restárão occultos em Portugal em poder dos Judeos, forão elles envolvidos nos frequentes confiscos, que se lhes fizeram, e ou forão queimados, como suspeitosos de erros, e de blasfemias, á maneira do que se praticou em Roma, Bolonha, Romania, Ancona, e Avinhão; ou ficárão entregues á reclusão, e esquecimento em parte, aonde os acabou de consumir, e sepultar o horroroso terremoto, e incendio de Lisboa de 1755 (b).

F ii

C A-

cias de muitas obras dos Judeos naturaes de Hespanha, para a composição da sua Bibliotheca Hespanhola, entre as quaes já pôde ser que viessem algumas impressas em Portugal por aquelles tempos. Mas não sabemos se se verificou a promessa, nem se já sahio o 3.^o Tomo, ou Supplemento da Bibliotheca de Castro; aonde as devemos esperar.

(a) Daqui vem, que depois de 1497 não apparecem mais edições de Livros Hebraicos das Officinas Judaicas, sendo a ultima de que temos noticia, a de Isaias, e Jeremias de Lisboa d'aquelle anno.

(b) Estas forão as principaes causas da falta, que experimentamos

C A P I T U L O V.

*Das Edições de Livros Latinos em Portugal no
Seculo XV.*

PASSEMOS ás Edições de Livros Latinos , que sahi-
rão das Officinas de Portugal naquelles tempos : as de
que temos noticia são as seguintes , que aqui pômos por
sua ordem Chronologica :

1490
Brevia-
rium Ebo-
rense.

Breviarium Eborensense
Olisipone 1490.

Foi esta a primeira edição , que se fez do Brevia-
rio Eborensense , a qual se deveu aos cuidados Pastoraes do
Arcebispo D. João da Costa. Sahio da Officina de Nico-
lão de Saxonia (a).

1494
Brevia-
rium Bra-
charense.

Breviarium Bracharense
anno 1494 I. vol. 4.º

Foi esta a primeira edição , que se fez do Brevia-
rio

hoje destas obras. Não deixaremos porém de reconhecer , e confes-
sar , que para ella concorreu muito a mesma practica dos Hebreos ;
porque sendo maxima assentada entre elles , resguardar os seus Li-
vros , maiormente os Sagrados , das mãos dos que chamavão Idolatras ,
e Gentios , e havendo aos Christãos como taes , costumavão escru-
pulosamente recatar dos nossos os exemplares das suas obras ; o que
fazia com que mui poucos podessem chegar então ás nossas mãos.

(a) Foi depois reimpresso em 1520 , 1. vol. 8.º , correção , e emen-
dado pelo Mestre João Parvo , Arceediago , Francisco Pedro Chantre ,
e o Conego Fernão Rodrigues Boto , por mandado de D. Affonso ,
Cardeal Infante , Administrador do Arcebispado , e publicado em Se-
vilha por João Cromberger Alemão em 1528 , em 1. vol. de 8.º , e
de novo revisto , e reformado pelo M. André de Resende , e outros ,
por mandado do Senhor Rei D. Henrique , então Cardeal Infante , e
primeiro Arcebispo de Evora , e se reimprimio em Lisboa na Offici-
na de Luiz Rodrigues em 1548. 1. vol. 8.º , e destas edições ha tam-
bem exemplares na Real Bibliotheca da Córte.

rio Bracarense, e foi trabalhada sobre o Codigo Mss. em pergaminho, que havia no Cartorio da Relação de Braga, escrito no tempo do Arcebispo D. Fernando da Guerra pelos annos de 1440. Foi impressor desta obra o Mestre João Gherlinc, Alemão (a): no fim vem esta subscrição.

Impressus est hoc opus breviarii in augusta Bracharensi Civitate Hispaniarum primare: per Magistrum Jobanem Gherlinc alemanum inpensis petri de barzena. Anno salutis Christiane MCCCC.LXXXIV. die XII Decembris.

Faz memoria della D. Thomaz Caetano de Bem, Clerigo Regular da Casa da Divina Providencia desta Côrte, e Chronista do Serenissimo Estado, e Casa de Bragança, e varão muito erudito e sabio, na sua *Noticia Previa da Collecção dos Concilios de Portugal*, impressa em Lisboa em 1757 (b). Ha hum exemplar desta rarissima edição na Real Bibliotheca da Côrte.

Al-

(a) Segundo as noticias, que alcancámos deste Codlgo ms. ha que se extrahio a Cópia, que se acha deste Breviario na Bibliotheca do Vaticano. Ha razão para crer, que este Codlgo fora trasladado de outro em fórma menor, e em pergaminho de mais de quinhentos annos de antiguidade, que costumava estar recolhido no tumulo em que se encerrava o Senhor na Sexta feira Santa.

(b) A fol. 79. Della fallava Gregorio Majans em huma Carta ms. dirigida a Gerardo Meerman, que tem hoje entre outros ms. Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe o Real de Madrid, que della falla na Typogr. Espanh. Tom. I. pag. 429 na Addição. Esta edição foi desconhecida do erudito e laborioso Escriitor D. Antonio Caetano de Sousa, que dá por primeira a de Lisboa de 1498 por Nicoláo de Saxonía (*Expeditio Hispan. Part. III. Assert. Liv. IV. pag. 736*), e tambem do illustre Theologo Pereira, que na sua Dissertação Critica, que deixou ms. sobre o antigo e moderno Calendario Bracarense, fazendo no Cap. IV. a rezenha dos Breviarios Bracarenses para excluir por elles a existencia de S. Pedro de Rates, Arcebispo de Braga, sem fallar desta edição de 1494, nem ainda da de 1496 de que logo fallaremos, que muito ihe servirão para

1496
Almanach
de Zacuto.

*Almanach perpetuuz Celestiuuz motuuz as-
tronomi Zacuti. Leirie 1495 1. vol. 4.º*

Esta obra he huma das mais famosas e mais raras do Seculo XV; e por assim ser daremos aqui della mais larga informação, segundo o que notámos em dois exemplares, que della temos visto. Seu Author foi o celebre Judeo Abrahão Zacuto, natural de Salamanca, domiciliario em Portugal, e Astronomo do Senhor Rei D. Manoel, e o mesmo que compoz em Lisboa a obra das linhagens e familias, intitulada *Sepber Yuchasin*, que os Judeos costumão ter em muita conta (a). O titulo inteiro desta obra he o seguinte:

*Almanach perpetuum Celestium motuum as-
tronomi Zacuti. cujus Radix est 1473.*

Characteres Signorum Zodiaci.

♈ Aries		♎ Libra
♉ Taurus		♏ Scorpius
♊ Gemini		♐ Sagitarius
♋ Cancer		♑ Capricornius
♌ Leo		♒ Aquarius
♍ Virgo		♓ Pisces

No reverso tem a Dedicatoria com o titulo

Epistola auctoris ad episcopum Salmantice.

Não traz declaração do nome: começa desta maneira:

*Magnam esse admodum et fuisse semper in edendis
li-*

seu assumpto, por não vir nellas a Lenda do dito Santo; sómente fez menção das duas edições mandadas fazer pelo Arcebispo D. Diogo de Sousa em Salamanca na Officina de João de Porres em 1508, e 1511, e da outra do Arcebispo D. Manoel de Sousa feita em Braga em 1549.

(a) Della fazem honrosa memoria Manoel Aboab na sua Nomolo-

libris difficultatem michi videri sollet dum revolve majorum nostrorum exemplaria ac presertim eorum exordia conspicio ubi plerique tenuitatem ingeniorum suorum insimulant non infeluram videlicet cepto operi. Alii vero arduitate tanti negotii pene deterreri videntur tandem ut eaque judiciis astrorum pertinent omnino dimittant. Alii vero hanc calculandi difficultatem volentes sub claro modo omnibus prodesse subtilia ingeniati sunt.

Acaba na segunda folha por esie modo:

Eas itaque primicias operum meorum suscipere digneris quas ubi pro acumine ingenii tui probaveris in publicum prodire jubeto.

Valle presulum decus.

Não traz data: nesta Dedicatoria faz menção de D. Affonso de Castella, e do Hebreo Abenverga.

Consta este livro de duas obras, huma menor, e outra maior. A menor começa na mesma segunda folha em que se acaba a Dedicatoria com este titulo:

Canones tabularum Celestium motuum astronomi rabi abraham Zacuti ordinatissime felici sidere incipiunt. Canon primus.

Consta de 13 Canones, e entre elles de algumas regras, e acaba:

*Expliciunt Canones tabularum sequentium.
Deo gratias.*

Seguem-se tres taboas, que tem por titulo:

Tabula tabularum ad ingressum earum post radicem inseruiens.

E

E com ellas se arremata a obra, que consta de doze folhas. Foi ella escrita originalmente em Hebraico por seu author, e trespassada depois a Latim por seu Discipulo José Vizinho, como se conclue da declaração, que vem no fim do Livro (a).

A esta pequena obra segue-se a maior com este titulo:

Almanach perpetuum cujus Radix est annus 1473. Compositus ab excellentissimo magistro in astronomia nomine vocatus Zacutus.

No reverso não tem cousa alguma. Esta obra he toda de Taboas sobre o seu assumpto, assim nos anversos, como nos reversos, as quaes começam logo na segunda folha, e principião por Março, e Abril desta maneira

Martius

Aprilis

Tabula ascendentis et duodecim domorum:

Comprehendem tres folhas, e seis taboas por esta fórma:

Tabula prima solis cujus radix est anno 1473.

E continúa até á quarta, e contém quatro folhas, e oito taboas:

Tabula declinationis planetarum et solis ab equinoctiali 1.^a taboa.

Ta-

(a) Acazo parente de Diogo Mendes Vizinho, de alcunha o Coixo Astronomo nos tempos do Senhor Rei D. Manoel, ou de Abraão Vizinho, Astronomo, que escreveu em Castelhana hum Calendario Astronomico para uso dos Judeos, de que falla Bartholocio na *Biblioth. Rabín.* Tom. III. pag. 5. O Indice ms. Sevillhano, referindo esta obra, annuncia, que ella era traduzida em Castelhana por José Vizinho, o que foi engano.

Tabula equationis dierum 1 taboa.

Tabula introitus solis in quolibet signorum 4. fol. e 8 taboas.

Tabula prima lune cujus radix est 1473 31 fol. e 31 taboas.

Tabula supplementum annorum Lune 1 taboa.

Tabula conjunctionum et oppositionum 8 fol. e 16 taboas.

Tabula medii motus argumenti lune in 180 annis 1. taboa.

Tabula argumenti lune 1 taboa.

Tabula veri motus capitis draconis in 905 annis 2 folhas, e 4 taboas.

Tabula diversitatis aspectus 1 folha, e 2 taboas.

Tabula eclips. Solis Tabula eclips. Lune 1 taboa.

Tabula ad verificandum horam aspectuum vel conjunctionis 3 taboas.

Tabula Latitudinis Lune 1 folha, e 2. taboas.

Tabula ascensionum signorum in meridiano 1 taboa.

Tabula prima veri motus saturni cujus radix est 1473 6 taboas.

Tabula centri saturni 6 taboas.

Tabula argumenti saturni 6 taboas.

Tabula latitudinis saturni septentrionalis 4 taboas.

Seguem-se pela mesma forma, e distribuição as taboas *veri motus centri argumenti et latitudinis* de Jupiter, Marte, Venus, e Mercurio, que contém 85 folhas, e meia, e 171 taboas, as quaes vão por este modo:

Tabula tabularum ad omnes calculationes proportionum inserviens 3 taboas.

Tabula stellarum prime et secunde magnitudinis atque octave spere 2 taboas.

De animodar ptholomei 3 taboas.

Tabula eclipsis luminarium et primo de sole.

E na mesma taboa:

Tabula de eclipsibus lune 1 taboa.

Tom. VIII.

G

Ta-

Tabula quantitatis dierum 1 taboa.

Tabula longitudinis et latitudinis civitatum ab occidente habitato 2 taboas.

Segue-se a taboa das Festas desde Janeiro até Dezembro, que são 4 taboas.

Tabula ad sciendum litteram dominicalem et principium cujuslibet mensis cujus radix est annus 1473 1 taboa.

Tabula festorum mobilium 2 taboas, que são as ultimas de toda a obra.

Termina toda ella desta maneira :

Expliciunt tabule tabularum astronomice Raby abraham Zacuti astronomi Serenisimi Regis Emanuel Rex portugalie et cet. Cum canonibus traductis a lingua ebrayca in latinam per magistrum Joseph Vizinum discipulum ejus aëloris opera et arte viri solertis magistri Ortas curaque sua non mediocri impressione complete existunt felicibus astris anno a prima rerum etherearum circuitione 1496 sole existente in 15 gradibus 53 minutis 34 secundis piscium (a) sub Celo Leiree.

Remata com hum sello, que tem em roda o nome de José Vizinho.

Consta toda esta obra de 156 folhas. Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Côrte, que examinámos para este extracto. Havia outro na curiosa

(a) Isto he, no mez de Fevereiro, que se denota pela palavra Pisces. Costumava-se então em muitas obras por datas astronomicas, como nas Taboas Astronomicas de D. Affonso de Castella impressas em 1483, e em 1492, e na obra de Cosmografia de Pomponio Mela, impressa em Salamanca em 1498, o que se praticou ainda em algumas do Seculo XVI; como por exemplo na edição da Arte de Estevão Cavalleiro de 1516 aonde se diz no fim *Sole in septima cœli parte existente.*

sa Livraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, e hum dos maiores Antiquarios, que tivemos, o qual vimos em tempos passados, e não sabemos aonde hoje existe, o qual pelo extracto, que então fizemos, concorda com este de Lisboa. Ha hum exemplar na Livraria do Collegio da Graça de Coimbra, que não podemos vêr; mas do extracto, que delle houvemos feito pela habil penha do Senhor Fr. Joaquim de Santo Agostinho, Socio da Academia Real das Sciencias, ficamos entendendo, que não combinava em muitas cousas com o de Lisboa, e que houve transposição na ordem das folhas na encadernação, que se fez daquelle exemplar, ou que o Editor se servio para a impressão de dois diversos orginaes, de que sahirão exemplares tambem diversos (a).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio (b), Wolfio (c), o Catalogo dos Mss. de Inglaterra (d), o

G ii

In-

(a) Esta obra tem sido denominada com muita diversidade, chamando-se *Almanac do Sol — Almanac perpetuo dos Movimentos Celestes — Taboas Astronomicas*; e como se lia em hum Catalogo ms. dos Livros do Escorial — *Almanach de Tablas Astronomicas, a ajuntamento maior.*

(b) Bibliotheca Hispanica.

(c) Wolfio lembra-se desta edição na Biblioth. Hebr. Tom. III. pag. 66, erra porém o lugar, porque a supõe feita em Veneza.

(d) Tom. II. n. 5142 aonde se faz menção de hum Codigo ms. das Taboas Astronomicas. Houve depois huma edição em Veneza em 1495 por João Miguel Germano Budorense: sahio terceira vez impresso tambem em Veneza em 1500 da Officina de Lucas Antonio de Florença em 1. vol de 4.^o em que vem os Theoremata de João Miguel Budorense, e as emiendas, e correcção do Doutor Lucas Gaurrino; publicou-se com este titulo:

Almanach perpetuum.

Sive Tacuisuis (Ephemerides et Diarium Abraami Zacuti hebrei. Et Theoremata auct Joannis Michaelis Germani buderensis cum L. Gaarici Doctoris egregii castigationibus, et plerisque tabellis nuper adjectis) quorum index est.

Ha hum exemplar desta edição na Real Bibliotheca da Côte. Houve quarta edição tambem em Veneza em 1502 por Pedro Liechtenstein de Colonia, com as addições, e correcções de Affonso Hispalense de Cordova, Doutor d'Artes, e Medicina, que a dedicou

Indice Sevilhano (a), Francisco Peres Bayer (b), Raymundo Diosdado (c), e Fr. Francisco Mendes (d).

1496
Missal Bracarense.

Missale Bracarense
Olisipone 1496.

Foi impresso por ordem do mesmo Arcebispo D. Jorge da Costa, Irmão do Cardeal do mesmo nome chamado de Alpedrina, na Officina de Nicoláo de Saxonia: a sua subscrição he da maneira seguinte:

» Missale hoc secundum Ritum et consuetudinem almæ Bracarensis Ecclesiæ fidei studio revisum solertique cura castigatum emendatumque justo sydere est explicitum. Impressum florenti in Civitate Ulixbonensi anno salutis Christianæ 1496 12. Kalend. Julii ex Officina Nicolai de Saxonia (e).

1497
Breviatio.

Breviarium secundum Consuetudinem Compostellane Ecclesie. 1497. 8.º

Diz

ao nosso D. Affonso, Bispo de Evora. E da 3.ª edição ha hum exemplar na Livraria de S. Francisco da Cidade, e outro no Collegio da Graça de Coimbra. As tres primeiras forão desconhecidas do erudito D. José Rodrigues de Castro, que na sua Bibliotheca Hespanhola Tom 1. pag. 363, só faz memoria da quarta, isto he da Veneziana de 1502, sendo que Nicoláo Antonio a havia já feito da primeira, posto que não soubesse o lugar em que se havia publicado.

(a) Nelle se lê *Abraham Locut Tablas Astronomicas traduzidas al Castellano por Joseph Vecino, Discipulo del Autor impresso en Leiree por el Maestro Ortas Anno 1496 4.º* Já acima notamos, que José Vizinho traduzira esta obra do Hebraico para o. Latim, e não para Castelhamo.

(b) Nas Addições, e Emendas, que pôz no Tomo II. da *Biblioth. Vetus* de Nicoláo Antonio pag. 380.

(c) *De prima Typograph. Hispanicæ ætate* pag. 64.

(d) *Typogr. Esp.* pag. 340.

(e) Deste Missal se fez depois huma nova edição em Salamanca em 1502 em 4.º na Officina de João de Porres, por ordem de D. Diogo de Sousa: outra em 1538 por ordem de D. Jorge d'Almeida, Bis-

Diz na penultima folha :

» Accipite modo Sacerdotes optimi finem bre-
 » viarii ad ritum et consuetudinem alme com-
 » postellane Ecclesie: Studio pervigili exami-
 » natum: emendatumque cura diligentissima.
 » Impressum arte mira Magistri Nicolai Sa-
 » xonia. Ulixbone Anno Salutifere Christi in-
 » carnationis M.cccc.Xcvii. pridie Kalend.
 » Junias. Laus Deo.

He em 8.º, e de encadernado, e preto. Falla desta edição Fr. Francisco Mendes, attestando ter existido hum exemplar falto de principio no Gabinete do Mestre Henrique Flores (a).

Breviarium Bracarense
 Olisipone 1498.

1498
 Breviario
 Bracaren-
 se.

Esta he a segunda edição do Breviario Bracarense, e foi ordenada por mandado do Arcebispo D. Jorge da Costa II. do nome: imprimio-se na Officina de Nicoláo de Saxonia aos 20 de Junho. Desta edição se lembra o nosso erudito D. Antonio Caetano de Sousa na sua obra *Expeditio Hispanica* (b).

Mis-

po de Coimbra, eleito Arcebispo de Braga: outra em Leão de França em 1558 fol. em pergaminho, por mandado de D. Balthasar Limpo, na Officina de João de Borgonha, que se intitula *Livreiro d'El-Rei de Portugal*, do qual ainda hoje usa a Igreja Bracarense (de que ha hum exemplar na Real Bibliotheca da Corte).

(a) Typografia Espanhola Tom. I pag. 298.

(b) Tom. I. Part. III. Sect. III. Assert. Liv. IV. §. I. pag. 763, n. 104. Elle a dá pela primeira, sendo realmente a segunda como já dissemos. Esta edição tambem foi desconhecida do erudito Theologo Pereira, quando trabalhava na Dissertação Critica Ms. sobre o antigo, e moderno Calendario Bracarense, como já notámos a respeito da primeira. Vimos em tempos passados hum exemplar desta edição na Livraria do Doutor Gualter Antunes, Cidadão do Porto, de quem acima fallámos, mas não fizemos então os apontamentos necessarios para aqui darmos maior noticia della.

1498
Missal Bra-
careense.

Missale Bracarense.
Olisipone 1498.

Segunda edição, sahio da mesma Officina de Nicoláo de Saxonia, aonde se acabou de estampar aos 20 de Junho de 1498.

CAPITULO VI.

Das edições de Livros Portuguezes no Seculo XV.

FALLEMOS em ultimo lugar das edições de Livros Portuguezes daquelle seculo, posto que sejão mui poucas as de que podémos haver noticia.

AR-

A estas duas edições se seguirão depois outras, a saber: huma em Salamanca em 1508 na Officina de João de Porres, por ordem do Arcebispo D. Diogo de Sousa, a instancias do Synodo Bracarense desse mesmo anno; outra na mesma Cidade, e Officina por mandado do mesmo Arcebispo em pergaminho em 1511, outra (por não bastar a quantidade dos volumes, que se estamparão) em 1512, como escrevêrão D. Rodrigo da Cunha, e D. Jeronymo Contador d'Argote, mal arguidos pelo Theologo Pereira na sua Dissertação acima referida, como consta de hum Livro de Memorias antigas de Braga ms. huma em Braga em 1549 por João Alvares, e João Barreira em 8.º em letra Gothica, sendo Arcebispo D. Manoel de Sousa, de que se conserva hum exemplar na Livraria do Paço Archiepiscopal, e outro na Real Bibliotheca da Córte, edição de que usárão os PP. Bollandistas, e Henrique Flores *na Esponha Sagrada*: huma em Leão em 1558, correcta, e augmentada pelo Arcebispo D. Balthasar Limpo; outra em Braga em 1634, e corrigida por ordem do Arcebispo D. Rodrigo da Cunha, em 4.º; e outra tambem em Braga em 1724, augmentada, e reformada pelo Arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles 2. vol. 4.º (Real Bibliotheca da Córte).

ARTIGO I.

Das edições, que tem certeza de anno, e de lugar.

Livro de Vita Christi Lisboa 1495 por
Valentino de Moravia e Nicoláo de Sa-
xonia. 4. Tom. fol. Ms.

1495
Livro de
Vita Chris-
ti.

Demos particular informação desta obra por ser não só rara, mas huma das mais famosas, que produzio a Typografia Portugueza naquella idade. Foi este Livro escrito originalmente em Latim pelo Mestre Rudolfo de Saxonia, Prior do Mosteiro de Argentina, da Ordem da Cartuxa, com o titulo de *Meditações da Vida de Christo*, e foi traduzida em Linguagem por Fr. Bernardo de Alcobaça douto, e pio Monge Cisterciense, Abbade do Mosteiro de S. Paulo em 1445 (a). Elle entrou neste Santo trabalho por mandado do Abbade de Alcobaça D. Estevão de Aguiar, e á instancia da Senhora Infanta D. Isabel, Duqueza de Coimbra, e Senhora de Montemor, que muito desejava vêr esta obra trasladada de Latim a Portuguez, havendo por ella a mesma affeição, que teve Fernando, e Isabel, para a mandarem traduzir em Castelhana por Fr. Ambrosio Montesino. Contém a vida de Christo segundo a ordem da Historia Evangelica, em que se expõe, e illustra o Sagrado Texto, com a explicação doutrinal nos lugares, que della necessitam, tirada dos Santos Doutores; rematando cada Capitulo com huma devota Oração, ou jaculatoria. Passados cincoenta annos im-
pri-

(a) Do proprio original, que se conserva no Mosteiro de Alcobaça, consta que Fr. Bernardo fora o Traductor, porque diz no fim: »Aqueste Libro mandou trasladar á honra de Jhesu Christo ao mui indigno, e pobre de virtudes Fr. Bernardo Monge do Mosteiro de S. Paulo anno de 1445. o Abbade D. Estevão de Aguiar, que mo mandou fazer: se finou no anno do Senhor 1440. *Idibus Eebruarü en dia de Septuagesima.*

primio-se esta traducção em quatro grandes tomos de folha.

O primeiro tomo tem no alto do frontespicio as armas Reaes de huma parte , e da outra as da Rainha D. Leonor , e por baixo o titulo seguinte :

A primeira parte do Livro de Vita Christi.

No reverso vem huma estampa com a Imagem de Christo Crucificado , e com as da Santa Virgem , e de S. João Evangelista , e por baixo huma tarja com varias figuras de joelhos , e assim vem nos outros tomos. Consta esta primeira parte de 61 Capitulos , nos quaes se contém a Historia de J E S U Christo , desde a sua geração , e nascimento até o anno 31 de sua vida , e tem 186 folhas. Traz no principio huma Epistola Proemial , dirigida pelos Imprimidores ao Senhor Rei D. João II , e depois o Proemio , ou Prologo feito sobre todo o Livro por Ludolfo Carthusiano : segue-se a obra , que principia por esta rubrica geral :

Começase o Livro da Vida de J H E S U Christo nom aquelle que se chama da ninice do Salvador o qual he apocriffo xv mas deste que compoz ho veneravel meestre Ludolfo prior do moesteyro muy honrado de Argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa. Foe tirado e ordenado segundo ha ordem da estoria evangelical e entenção dos Sanctos doutores.

No fim da obra vem duas tarjas , huma que contém a divisa do Senhor Rei D. João II , que he hum Pelicano ferindo o peito para alimentar seus filhos , com a letra *pola Ley ; e pola grey* , e outra com divisa , que não sabemos decifrar ao certo. Segue-se a subcripção seguinte :

Acaba-se o primeyro liuro intitulado de vida de Christo em linguagem portuguez nom aquelle que se chama da mininice do Salvador ho qual he apogriffo xv di mas este que compoz ho venerable meestre Ludolfo prior do moesteyro muy honrado de argentina da Ordem muy excellente da Cartuxa e foy tyrado segundo a ordem da hystoria euangelical. O qual mandou tresladar de Latym em lingoagem portuguez a muyto alta princessa infante dona ysabel duquesa de Coymbra e senhora de monte moor ao muy pobre de virtudes dom abade do moesteyro de sam paulo. E foi corregido e reuisto commuyta diligencia por os reuerendos padres da Ordem de sam francisco de emxobregas de observancia chamados menores. E foi empresso em a muy noble e sempre leal Cidade de Lisboa a principal dos regnos de portugal per os honrrados meestres e parceyros Nicoláo de saxonía e Valentyno de moravia por mandado do muy yllustrissimo Senhor elRey dom Joham ho segundo e da muy esclarecida Raynba dona Lyanor sua molher. A louuor e gloria de nosso Senhor Jhesu Christo nosso Deos e redemptor e da sua intemerada, e sempre Virgem madre gloriosa santa Maria em cujo nome e louuor ho diêto liuro foe e he composto, cujo louuor e gloria regne em seus fiees Christãos pera sempre amen. Em o anno do nascimento do diêto Salvador de mil e quatrocentos e noventa e cinco. aos 4 do mes de Agosto.

Consta de sessenta, e hum Capitulos.

Segue-se o segundo tomo, que tem no alto do rosto as mesmas armas que o primeiro, e este titulo:

Tom. VIII.

H

A

A segunda parte do Liuro de Vita Christi.

Foi impresso no mesmo anno, reinando ainda o Senhor Rei D. João II, principia desta maneira:

Começase o Liuro segundo intitullado de Vida de Christo em lingoagem portuguez, em que traça ho que fez o Senbor em ho tricessimo segundo anno segundo se contém na hystoria euangelical.

Consta de 31 Capitulos, e 88 folhas, e termina quasi com a mesma subscrição, que a primeira parte, datando a impressão dos 14 dias de Agosto do mesmo anno. Tem depois a taboada das rubricas dos Capitulos, e no fim della as duas tarjas, que o primeiro tomo traz antes da subscrição:

Segue-se o terceiro tomo desta obra, que se intitula:

A terceira parte do Liuro de Vita Christi.

A qual principia por esta Rubrica geral:

Aqui se começa o liuro terceyro intitullado vida de Christo segundo a hystoria euangelical.

Consta de 50 Capitulos, e vem no fim do Livro a taboa das Rubricas de todos elles. Seguem-se depois as duas Tarjas de que já fizemos menção, e depois dellas a subscrição, que he quasi a mesma, que a dos dois primeiros Livros, e della consta que foi impressa no mesmo anno de 1495, a 20 dias de Novembro, reinando já o Senhor Rei D. Manoel; no fim de tudo vem a tarja do remate, e como se acha na primeira, e segunda parte; depois huma tarja com hum menino no meio, e logo a taboada das rubricas dos Capitulos.

Se-

Segue-se o quarto tomo, que tem por titulo:

A quarta parte do Liuro de Vita Christi.

Cuja rubrica geral he a seguinte :

Aqui se começão os Capitulos daquesta postumeyra parte do Liuro da Vida de Christo a qual falla da paixom do diçto nosso Senhor e Saluador e das cousas que se depois della seguirom.

Tem 39 Capitulos, e traz no fim a taboada das suas rubricas, sèguem-se as duas tarjas, e depois a subscripção, que he quasi a mesma que as outras, e della se vê, que esta quarta parte se acabou de imprimir no mesmo anno de 1495, a 14 dias de Maio, e por conseguinte antes de se concluir a impressão da terceira; vem depois a tarja, que arremata o Livro á maneira dos outros. Ha hum exemplar desta obra na Real Bibliotheca da Córte (a).

Fazem memoria desta edição Nicoláo Antonio na *Bibliotheca Hisp. Fr.* Manoel do Sepulchro na *Refeição*

H ii

Es-

(a) Pag. 57. Sabemos de quatro exemplares, que existem nesta Cidade: o da Real Bibliotheca da Córte, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; o da Bibliotheca do Convento de S. Francisco da Cidade, o do Real Mosteiro de S. Vicente de Fóra, que são os que temos visto, e examinado, e o do Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marquez d'Alorna. Fóra da Córte sabemos tão sómente de quatro: o da Bibliotheca do Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Bispo de Béja, o do Convento das Freiras de Arouca, o das de Loryão, e o da Bibliotheca do Real Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, que só tem a 1.^a, 2.^a, e 4.^a parte desta obra em tres volumes. O original da traducção existe na Bibliotheca de Alcobaga, em pergaminho dividido em quatro partes, de que falla Barbosa, e o Indice dos Codigos Ms. daquella Bibliotheca, publicado em o anno de 1775 pag. 122, e 123, o qual he escrito parte pelo mesmo Fr. Bernardo de Alcobaga, e parte por Fr. Nicoláo Vieira.

Espiritual; Leitão nas *Memorias Chronologicas da Universidade*, Barbosa na *Bibliotheca Lusitana*, o Author das *Memorias do Ministerio do Pulpito*, o *Diccionario da Academia Real das Sciencias de Lisboa* no Catalogo dos Autores, Raimundo Diosdat *De prima Typographiae Hisp. aetate*, e Fr. Francisco Mendes (a).

1496
Historia
do Empe-
rador Ves-
pasiano.

Estoria do muy nobre Vespasiano emperador de roma 1496. 1. vol. 4.º

He em Carácter meio Gothico, mas elegante, e em papel muito encorpado, e forte. Esta obra foi produção dos prélos de Lisboa, e sahio da Officina de Valentino de Moravia. Consta de vinte e nove Capítulos, e nelles se tratão varios feitos do Emperador Vespasiano, e de seu filho Tito, e de outros a respeito da Religião Christã, do cerco de Jerusalem, e da morte de Archelão, e de Pilatos: e traz em todos os Capítulos estampas allusivas a estes feitos.

No fim da obra vem esta subscripção:

Esta estoria ordenarom Jacob e Josep abaramatia que a todas estas cousas forom presentes e jafel per sua maão a escriptveo. Donde roguemos a Deos, e aa virgem Maria e a todollos Santos e Santas de Deos que a noos guardem de todo mal e de todo perygo e pecado por tal que mereçamos todos seer guardados dos nossos imygos visiveis e nom visiveis: e do falso testemunho e bir aa gloria celledial amen.

E depois conclue com esta legenda:

Foy imprimida a presente estoria de muy nobre

(a) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 295, 298.

bre Vespasiano emperador de roma em a muy nobre e sempre leal Cidade de Lisboa per Valentino de moravia a louuor de Deos e exalçamento de sua Santa ffe catholica na era de MillescccLxxxvi a xx dies do mes de abril.

Existe hum exemplar desta rarissima edição, que he unico, quanto sabemos, na Real Bibliotheca da Corte, o qual foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia; de huma nota ms., que vem no fim, consta, que elle fora de Paulo Heytor de Sousa, que o possuia em Agosto de 1563. Está mutilado porque lhe falta o rosto, os primeiros dois Capitulos, e parte do terceiro. Em nenhum Bibliografo, nem em outro algum Escriitor encontramos memoria desta obra.

ARTIGO II.

Das edições, que não tem certeza de anno.

Bom Regimento muito necessario para conservação de suas saudes e segurança das pestinencias feito por o Reverendissimo Senhor D. Raminto Bispo Arusiense do Reyno de Dacia e tresladada de Latim em lingoagem por o Reverendo Padre Fr. Luiz de Raz Mestre em Santa Theologia da Ordem de S. Francisco. Lisboa por Valentim de Moravia 1. vol. em 4.º

Bom Regimento do P. Raz.

Não traz nota de anno, consta porém que Fr. Luiz de Raz fora Provincial da sua Ordem em 1501, o que se não annuncia na obra, donde podemos conjecturar, que ella se publicou pelo fim do Seculo XV, tempo em que vemos figurar o seu Impressor Valentim de Moravia (a).
Faz

(a) Esta obra de Raminto parece ser a mesma, ou semelhante á

Faz della breve memoria Fr. Fernando da Soledade na sua Historia Serafica da Provincia de Portugal Part. IV. Liv. I. Cap. I. Barbosa na Bibliotheca Lusitana, e o erudito, e zeloso Author das Memorias do Pulpito (a).

Livro da
Imitação
de Christo.

O Livro da Imitação de Christo por Thomaz de Kempis trasladado em Portuguez.
Leiria 1. vol. em 12.

Pômos aqui esta obra, posto que não pertença propriamente a este artigo (pois nos consta, que tem data do anno em que foi impressa) não podemos porém vêr esta edição, nem nos souberão informar da certeza de seu anno; sabemos só que foi estampada em Leiria, e no Seculo XV.

Itinerario
do Conde
D. Pedro.

Itinerario do Conde D. Pedro. Lisboa.

Tambem pômos neste lugar esta obra, de que não podemos haver maior noticia, que a que nos dá o Excellentissimo e Reverendissimo Senhor D. Fr. Manoel do Cenaculo, Bispo de Béja, na sua pia, e douta obra dos *Cuidados Litterarios*, que a faz impressa em Lisboa no Seculo XV. (b).

A R T I G O III.

Das edições, que não tem certeza de anno, nem de lugar.

Coplas do
Infante D.
Pedro.

Coplas do Infante D. Pedro.

Já dissemos no Cap. I., que estas obras forão impressas poucos annos depois da invenção da Typografia,

que se imprimio em Colonia em 1494 com o titulo = *Regimen sanitatis mellece conscriptum cum multis aphorismis, et tractatu quodam de regimine contra morbum epidemice* 4.^o, que refere J. Heur. Leichio *De Orig. et Increm. Typogr. Lipsiens. in Suppl. Maitairiano* pag. 135.

(a) Nenhum exemplar podemos vêr desta obra, para darmos della maior noticia. Falta a Memoria deste Author na Bibliotheca Franciscana, impressa em Madrid em 1732 do Salmaticense Fr. João de Santo Antonio, quando era de esperar que não faltasse.

(b) Pag. 25.

e havia razão para julgar, que o forão em Portugal. Existia hum exemplar desta rarissima edição na preciosa Bibliotheca do Conde de Vimieiro, que se queimou com toda ella no incendio do Terremoto de Lisboa de 1755, e havia outro na Casa dos Senhores Duques de Lafões, Marquezes de Arronches, que fora da Livraria do Cardeal de Sousa (a).

Fallão della o mesmo Conde da Ericcira na conta, que deu á Academia Real da Historia Portugueza na conferencia de 23 de Agosto de 1724 (b), e José Soares da Silva nas *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I.*, e entre os estranhos João Henrique Leichio *De Orig. et Increm. Typog. Lipsiens. in suppl. Maittairiano* (c), e Raimundo Diosdado *De prima Typografiæ Hispanicæ ætate specimen* (d).

Das Coplas, ou Oitavas do Infante sobre o desprezo do mundo fez o Hespanhol Antonio D'urree huma edição com Commentarios dedicada a D. Affonso de Aragão, Administrador perpetuo do Arcebispado de Çaragoça, que sahio com este titulo: *Coplas fechas ay mil versos con sus glosas contenientes del menos precio e contempto de las cosas fermosas del mundo demonstrando la su vana beldad.*

He em folio, e em caracter Gothico, não tem anno de impressão; mas sendo esta obra dedicada a D. Affonso, ainda então Administrador do Arcebispado de Çaragoça, e constando, que elle só foi sagrado Arcebispo em 1478 fica provavel, que se imprimisse pelo menos no dito anno (e); e com effeito á margem do Prologo do exemplar, que temos visto, há huma nota ms., que assinnalla este mesmo anno; he certo, que o caracter a pontua-

(a) Veja-se o que deixámos escrito no Cap. I.

(b) Tom. I. Liv. I. Cap. 72. pag. 395, e 366.

(c) Pag. 125.

(d) Pag. 98.

(e) Lamberto de Çaragoça no Tom. IV. do *Theatro Ecclesiastico Aragonense*, diz que elle tomára posse do Arcebispado em 1479.

tuação e o mesmo papel assaz indicão sua muita antiguidade.

Quanto ao lugar da impressão não podemos saber, em que parte se estampou esta obra. Consta este Livro de 124 Oitavas, commentadas a maior parte dellas por D'urree. He rarissima esta edição, della falla Nicoláo Antonio na Antiga Bibliotheca Hispanica confessando, que nunca a vira (a).

A Real Bibliotheca da Côrte possui hoje hum exemplar, que foi da Livraria dos Clerigos Regulares da Divina Providencia, o qual pertencia ao Sabio D. José Barbosa, e foi o mesmo que vio, e examinou seu Irmão o douto Abbade de Cever para o extracto, que delles fez na Bibliotheca Lusitana, e de que nós nos servimos para este. Esta edição parece ser diversa de outra, que vio Fr. Francisco Mendes, Augustiniano do Convento de S. Filippe el Real de Madrid, juntamente com hum Cancioneiro Espanhol, por quanto diversificão em algumas cousas do titulo, e do mais corpo da obra (b).

Aqui he lugar proprio de occupar hum duvida, que póde resultar do Prologo desta edição de D'urree contra a existencia da primeira edição Portugueza das obras do Infante, de que temos fallado, e contra as provas, que della trouxemos no Cap. I. destas Memorias sobre a origem, e antiguidade de nossa Typografia; por quanto nelle se diz: *Trabajè en divulgar la presente obra que quasi stava scondida, la baziendo emprentar*: indicando-se por este modo de fallar, que antes se não havia feito outra alguma edição daquellas coplas: com tudo não he difficil a qualquer soltar a duvida, que daqui nasce, se considerar o estado da impressão, e do commercio dos Livros

(a) Esta he a unica edição das Poesias do Infante, de que fez memoria o Abbade de Cever.

(b) Typogr. Esp. Tom. I. pag. 117. aonde diz na nota, que quasi não duvida que fora feita em Lisboa.

vros daquella idade; porque em tempo, em que a Arte Typografica começava de se estabelecer em Portugal; em que erão poucas as obras, e poucos os exemplares, que dellas se estamparão, e estreito e curto o giro do seu commercio exterior; podia muito bem acontecer, que D'urreea em hum paiz distante do nosso ignorasse a edição, que se tinha feito entre nós, ou por não terem ainda então entrado os seus exemplares nos Reinos de Castella, ou por elle os não ter ainda visto. De mais esta edição só he das Oitavas sobre o desprezo das cousas do mundo, e não de todas as outras poesias do Infante, e já póde ser que destas, e não daquellas fosse a edição primeira Portugueza.

Esta obra do Infante vem no Cancioneiro geral de Garcia de Rezende, impresso em Lisboa por Hermão de Campos em 1516, e tambem se achão no fim do Tomo IV. das *Memorias para a Historia de Portugal no Governo do Senhor Rei D. João I.* por José Soares da Silva. Fr. Francisco Mendes, de quem acima fallamos, possui hum tomo em fol. ms. desta obra, escrito no Seculo XV, papel grosso, e letra clara, e formosa, em que se contém 126 Oitavas (muitas dellas com sua glosa, como no impresso, ainda que com alguma pequena variedade) que fazem ao todo mil e oito versos: a estas Oitavas precede hum Proemio em prosa, que não tem o impresso, e occupa seis folhas: he dirigido ao Senhor Rei D. Alfonso V. Depois das Oitavas vem hum discurso de despedida, e admoestações Christãas, que ao que parece fez o dito Rei á Senhora Infanta D. Joanna, estando para casar com ElRei D. Henrique de Castella.

Estas são as unicas obras do Seculo XV. de que podemos haver noticia; por certo que muitas outras se estamparão em nossos prélos, que não he de crer, que seus obreiros se limitassem a estas unicas producções de sua Arte, cruzando as mãos inutilmente para ficarem ociosos, e sem lucro no meio de suas dispendiosas Officinas. O tempo, e a curiosidade dos nossos as hirá porventura descobrindo; com o que não só se augmentará as noticias de

nossa Historia Litteraria; mas tambem se dará maior extensão, e luz aos Annaes, ainda muito diminutos, da Typografia Portugueza. Se alguém achar estas nossas noticias muito apoucadas, já d'ante mão confessamos esta falta, que nem podémos, nem soubemos evitar.

Diremos tão sómente, que não he maravilha, que tão pouco saibamos de nossas primeiras e mais antigas edições, e que tão poucas appareçam nestes tempos, pois que além de outras causas que para isto concorrerão, e que forão transcendentés a todas as edições daquelle seculo, he de crer, que algumas dellas se passarão para as nossas Colonias da Asia, e da Africa, como sabemos, que passarão em grande quantidade os exemplares das Traducções da *Vida de Christo* de Alcobaça, e da *Imitação de Christo* de Thomaz Kempis, para uso dos Indios convertidos; por onde derramando-se por tão remotos Climas e Regiões, facilmente se gastarão, e consumirão os exemplares.

Das duas antigas edições do Missal Bracarense de 1496, e de 1498, se sabe que dentro em sessenta annos, se consumirão e gastarão de maneira, que o Arcebispo D. Balthasar Limpo vendo muito poucos exemplares, e esses tão usados e gastados, entendeu que convinha fazer a nova edição de 1558 (a). De mais alguns dos nossos Livros, ignorando a preciosidade e estimação destas primeiras edições; maltratarão a muitos dos antigos exemplares, que achavão, formando de seus pergaminhos, e das folhas, que erão pelo commum de papel encorpado e forte, as capas e guardas dos nossos Livros, que encadernavão, de que ainda hoje se achão vestigios em encadernações dos Seculo XVI, e XVII as quaes se vem guar-

ne-

(a) Etenim inter ea quibus ut magis necessariis opportunius occurrendum fuit, reperimus vetus quoddam volumen (quod Missale adpellant) corruptum illud certe vetustate, et siqua extabant erant pauca illa quidem et inveterata et adeo legentium manibus attrita deletaque, ut pluribus in locis extinctarum jam pene dictionum vestigia solummodo remanerent. Pastoral que vem no principio do Missal.

neçadas de pergaminho, e empastadas de folhas de Livros impressos, que pelo seu caracter assaz mostram haverem sido de huma veneravel antiguidade.

Não era com tudo de esperar, que naquella idade se imprimisse grande numero de Livros nossos, maiormente em Lingoagem; porque sabido he, que as edições daquelles tempos em Lingoas vulgares, em todos os paizes forão poucas: a Lingoa Latina era a que então levava os olhos de todos apóz si como a unica, que caracterizava e distinguia o homem sabio; e seus Livros erã consequentemente os que mais se procuravão; que por isso mesmo que davão esperanças de maior consumo, e lucro, occupavão mais que os outros os trabalhos das Officinas Typograficas.

CAPITULO VII.

De algumas edições a que se não deu lugar nestas Memorias.

RESERVAMOS para este lugar fazer memoria de alguns Livros, os quaes porventura poderia alguém haver por obras da Typografia Portugueza, não o sendo, ou não havendo razão bastante para as dar como taes: nesta conta entrão as seguintes.

Peregrina Glossa Bonifaciana a compilatore Bonifacio Lusitano Ulysiponensi, sive juris legum conclusionumque glossarum ab ipso Bonifacio 1497. fol. He obra do nosso Jurisconsulto Bonifacio Garcez, Lisbonense, Ouvidor da Serenissima Rainha de Castella D. Joanna, Filha do Senhor Rei D. Duarte, casada com Henrique IV, de que havia hum exemplar na Livraria do Cardeal de Sousa. Foi impressa fóra de Portugal, e em Castella, aonde esteve seu Author quando acompanhou aquella Princeza, nos tempos em que se foi despozar com Henrique IV; por quanto da subscrição, e fim da obra se vê, que foi impressa por ordem, e á custa de Lazaro

Glosa Bonifaciana.

de Gazanis , e pelos Impressores Meinardo Vngut , Alemão , e Estanisláo de Polonia , Socios , e de nenhum destes consta , que estivesse jámais em Portugal (a).

Historia
de Isea.

Historia dos trabalhos do sem ventura Isea natural da Cidade de Epheso , e dos Amores de Clarco , e Florisea , com Real Privilegio. 1. vol. em 12. , sem anno , nem lugar da impressão. He em caracter Gothico , e mostra ser edição do Seculo XV. Tem hum exemplar desta rarissima obra a escolhida Bibliotheca do Illustrissimo e Excellentissimo Luiz Pinto de Sousa Coutinho , Ministro , e Secretario de Estado dos Negocios do Reino: parece-nos obra da Typografia Portugueza , porém não podemos haver disso maior informação , que nos confirmasse neste juizo: assim não ousamos classificalla entre as nossas producções Typograficas.

Commen-
tarios de
Affonso
d'Albu-
querque.

Affonsi de Albuquerque Commentaria in Parva Naturalia Aristotelis 1498. fol. Fazem lembrança desta obra Maittaire nos Annaes Typograficos (b), Thuaño na Bibliotheca (c), e o nosso Barbosa na Bibliotheca Lusitana (d). Não nos atrevemos a affirmar, que fora Portuguez , bem que o pareça por seu appellido , como pareceu a Barbosa , em quanto se não mostrar com maiores fundamentos a sua naturalidade Portugueza , e menos ainda , que Portugal foi o lugar da edição desta obra.

Evange-
lhos , e E-
pistolas de
Gonçalo
de S. Ma-
ria.

Gonçalo Garcia de S. Maria: Evangelhos , e Epistolas do Anno , traduzidos em Castelhana (e). Esta obra foi impressa em 1485 a 20 de Fevereiro , não em Portugal ,

(a) De Raymundo Diosdado: *De Prima Typographiae Hispanicae aetate* pag. 66 , e de Fr. Francisco Mendes na *Typogr. Hispan.* Tom. I. pag. 210 , e 222 , consta que foram Impressores em Sevilha , e em Granada , e delles ha na Real Bibliotheca da Corte a obra de Synonymis de Affonso Palentino , impressa em Sevilha em 1491.

(b) Tom. I. pag. 680.

(c) Tom. II. pag. 23.

(d) Tom II. pag. 394 col. V.

(e) São escritas em Castelhana , e não em Portuguez.

gal, mas em Çaragoça por Paulo Hurus de Constancia, como se vê das noticias, que deu desta obra o erudito Academico Francisco Leitão Ferreira em as Noticias Chronologicas da Universidade de Coimbra (a), as quaes seguiu o mesmo Barbosa, reformando no tomo quarto, o que havia escrito no segundo (b), e das que deu ha poucos annos Fr. Francisco Mendes na Typografia Hespanhola (c).

CAPITULO VIII.

Do Merecimento Typografico das edições de Portugal no Seculo XV.

SEGUNDO o que observamos em algumas destas edições, e o que de outras nos referem os que as virão e registarão, em todas ellas se notão as mesmas imperfeições e defeitos, que erão transcendentés em quasi todas as que se fizerão naquella idade em diversas partes da Europa; porque huma Arte, que acabava de sahir do berço, não se podia desembrulhar de todo das mantilhas em que nascêra; e crescer e chegar ao cume de sua alteza e perfeição em poucos annos; com tudo em suas obras ha muitas bondades relativamente áquelle seculo, em que os começos de huma Arte nascente não promettião maiores apuramentos e primores; e certo que se vem nellas alguns donaires, e gentilezas, que ainda hoje não tem envelhecido, porque podem emparelhar com as edições modernas mais perfeitas, e acabadas.

O

(a) Pag. 550 §. 1176.

(b) Pag. 152. Nós reformamos tambem aqui o que escrevemos de passagem em outra obra, guiados pelas noticias do 2.º Tomo da Bibliotheca Lusitana de Barbosa, sem ter consultado ainda então nem a sua correccão no 4.º Tomo, nem as Memorias de Leitão.

(c) Tom. I. pag. 131.

- Papel.** O papel pelo commum he muito lizo igual cor-pulento , e bem batido , o que o faz ser de huma forte consistencia ; em algumas obras he assaz branco , como na edição da Vida de Christo , n'outras hum pouco trigueiro e basso , como na da vida do Emperador Vespaziano , e no Almanach de Zacuto : a marca não he sempre a mesma em huma obra , como se observa no mesmo Almanach , aonde ha diversas marcas , sendo a mais frequente de huma como torre , ou guritã de que sahe huma estrella : algumas obras não tem marca , como se vê entre outras na edição da Vida do Emperador Vespaziano.
- Marca.**
- Tinta.** A tinta he sempre muito preta e luzidia , e corre por toda a parte igual e solida. Usavão em algumas obras de imprimir de encarnado os titulos e summarios , as letras iniciaes das Orações , e outras partes , como se vê no Breviario Bracarense de 1492.
- Caracter nas edições Latinas , e Portuguezas.** O caracter no tocante ás edições Latinas , e Portuguezas , em algumas he rude e informe , a que vulgarmente se chama Gothico , formado das depravadas letras unciaes dos Romanos , e muito usado em nossa Espanha , e semelhante ao que havião introduzido os primeiros Impressores de Strasbourg , de que geralmente usárão os Francezes , e Alemães , de que póde ser bom exemplo o mesmo Breviario Bracarense ; em outras he meio Gothico , ou entre o Romano , e o Gothico , isto he arredondado desempedido e elegante , á maneira do que havião apresentado os primeiros Discipulos de Fausto , e de Schoiffer , de que he hum bom exemplo o Almanach de Zacuto , e ambos estes generos de caracter tanto reinárão nas nossas Officinas , que continuárão ainda muito depois até o meio do Seculo XVI. Em algumas obras he o caracter grado , como na edição da Vida de Christo de Alcobaca , em outras miudo , como se observa no caracter da Leitura , ou texto de Zacuto , e algumas vezes minutissimo , como o do algarismo de suas Taboas. Em todas as edições que vimos , a fôrma do caracter hê sempre de hum mechanismo regular , e a lineação igual , e recta ,
mos-

mostrando suas linhas bem assentadas, sem aquellas pequenas desigualdades, que apparecem em muitas das primeiras edições de fóra.

Pelo commum todas as iniciaes dos Capitulos, e e dos Summarios são letras maiusculas, algumas vezes tambem o são as de cada Oração, ou periodo, que faz ponto; fóra disto ha poucas maiusculas, e ainda nos nomes proprios. Algumas vezes faltão letras capitaes, porque em lugar dellas se deixava espaço em branco para serem feitas de penna, e illuminadas da mesma sorte, que se praticava no adorno dos antigos Ms. em pergaminho.

A escripturação não tem divisão de periodos, nem de paragrafos; tem bastantes abbreviaturas adoptadas dos mesmos Mss. o *v* consoante pelo commum só se usa no principio da palavra, no mais quasi sempre se poem o *u* vogal, ou a letra seja vogal, ou consoante; não se usa de *e* diphthongo, ou diphthongos unidos; não ha accentos sobre as palavras agudas, nem apostofros.

Toda a pontuação se reduz ao ponto final, ou a dois pontos, não se achando nem virgulas, nem pontos de admiração, ou interrogação, e o ponto não he redondo na fórmula, que actualmente usamos, mas quadrado obliquo ou á maneira de hum rombo, ou de cruz: com elle se arremata o fecho de qualquer sentido da oração. Sobre o *i* não se põe o nosso ponto, mas a pequena cedilha, e as hasteas com que no fim da regra se denota muitas vezes não estar acabada a palavra, são duas linhas, ou riscos parallelos de alto abaixo inclinados: não ha reclusas da ultima palavra, que denote a seguinte: as folhas não estão assignadas com numeros, nem ha em baixo o registro tão necessario para se reconhecer a integridade do Livro; o que tudo he ordinario nas edições daquelle seculo.

Quanto ás edições Hebraicas, o caracter Rabbínico, humas vezes he inflexo á maneira do que usavão os Judeos Orientaes; outras vezes quadrado com pontos, e accenos,

Maneira
de escri-
pturação.

Pontua-
ção.

Caracter
nas edi-
ções He-
braicas.

e ora maior, ora menor, como se acha na obra *Sefer Orach Chaiim*. Alineação he igual e direita, conservando sempre muita regularidade, e formosura, e mostrando serem obras trabalhadas em matrizes muito perfectas. Quasi todos os Livros Hebraicos são estampados em duas columnas, da maneira, que se vê no Livro *Seder Tefilod*, ou *ordem das Preces*: as letras capitaes das Secções, Capitulos, e Orações são maiusculas, e quadradas, como se observa entre outros no mesmo Livro *Seder Tefilod*.

Correcção.

No tocante á correcção, as impressões dos Livros Latinos, e Portuguezes não tem muito apuramento e exactão; nesta parte passam por optimas, e dignas de todos os elogios as edições Hebraicas, em cuja correcção se entendeu sempre com muito cuidado e vigilancia; dá boa prova disto entre outras obras a do Pentatheuco Olisiponense de 1491, que tanto os Judeos a houverão por correctissima, que mandavão, que seus impressores a ella recorressem nas novas edições, que houvessem de fazer, e ainda hoje lhe dão a primeira entre as antigas, como a dão entre as modernas ás duas Lombroziana, e Norziana de Amsterdam.

CAPITULO IX.

Do ornato das edições do Seculo XV. em Portugal.

Estamparia de Gravadura.

DIGAMOS alguma cousa do ornato da Chalcografia, que naquelles tempos se unio á Arte Typografica para mais afformosear os Livros; os nossos Impressores á imitação dos estranhos usarão em algumas edições de pôr enfeites e ornatos de portadas, tarjas, e divizas, e tambem estamparia de figuras, que erão como as galas da Typografia, com que se ella enfeitava em suas obras.

Mas cumpre confessar, que tanto o ornato, como a figuraria era obra geralmente grosseira e rude sendo tudo aberto e talhado em pranchas de madeira, e gravado pelo commum de simplicis traços: a Escultura, e a Gra-

Gravadura não tinha ainda então feito progressos entre nós, e como se desconhecia inteiramente a perfeição do Desenho, não podião estas Artes apresentar-nos Figuristas, e Ornatistas de maior apuramento, e correcção; quanto mais que as obras elegantes, e polidas da Entalhadura, ou Gravadura, erão dispendiosas para se poderem adoptar nas Impressões dos Livros. Todos os ornamentos pois são toscos, e mal lançados, as figuras desanimadas, e vazias, como tiradas a hum só, ou a poucos perfis de contorno, mostrando bem a falta de Desenho, que então havia, e quanto era ainda vacillante, e muito pouco destra, e assentada a mão de seus artifices.

As edições Hebraicas trazem alguns adornos deste genero, como se acha nas duas Lisbonenses do Pentatheuco de 1489, e de 1491, em que se vê no principio representação de varios animaes. Ha edições de Livros Portuguezes, que tambem se apresentam com seus enfeites de Gravadura. A obra de *Vita Christi* traz no alto da primeira folha de cada hum dos quatro tomos as Armas Reaes, as da Rainha D. Leonor, varios floreios nas letras iniciaes do titulo, no reverso a Imagem de Christo Crucificado, com dois Anjos recebendo em vasos o sangue, que lhe corre das mãos, e de hum lado a Santa Virgem, e do outro o Evangelista, huma tarja por baicho com oito figuras orando de joelhos; a segunda folha de cada Livro he afformoseada com hum floreio em orla, que serve como de tarja, ou de portada á primeira pagina da obra; vem no fim de cada Livro, ou tomo, duas tarjas, huma com hum Pelicano ferindo o peito para alimentar com o proprio sangue a seus filhinhos, e com a letra *Pela Lei, e pela Grei*, diviza do Senhor Rei D. João II, e outra com differente diviza, que não sabemos decifrar, e no cabo de tudo outra tarja, com hum menino no meio tendo hum Escudo pendente de cada mão. O Livro da Vida do Emperador Vespasiano apresenta estampas em todos os Capitulos allusivas aos feitos, que alli se narrão, e no fim a esfera, que depois

Pintura, e
Illumina-
ção.

se usou muito em edições do seculo seguinte. Usavão ainda de outro adorno, que os Arabes haviam introduzido em nossa Hespanha, e foi adoptado em muitas partes da Europa, qual era ornar os Livros com enlace, e variedade de côres. Dantes era isto mui frequente nos Codigos Ms. em pergaminho, em que se ostentavão com huma extrema delicadeza os primores da Caligrafia dos Arabes, pintando-se de miniatura, ou illuminando-se os titulos, as letras capitaes, as figuras, e os floreios, e ornatos das portadas, e tarjas dos Livros com diversidade de vivas, e engraçadas côres. Dos Codigos Ms. passou este uso aos impressores; e posto que os nossos não curassem muito disto, todavia usárão algumas vezes de estampar, pintar, ou illuminar de encarnado algumas partes de seus Livros.

Pelo que pertence ás edições Hebraicas, vimos isto practicado no Livro intitulado *Avudraban Seder Tefilod*, que traz vistoso titulo com seus enfeites, e realces de pintura. Quanto ás edições de Livros Portuguezes póde servir de exemplo o Livro da *Vida de Christo*, em que não só os Summarios dos Proemios, mas tambem os dos Capitulos, e quasi todas as suas letras iniciaes, e as das Orações, ou jaculatorias, que vem no fim de cada hum delles, são feitas de encarnado com todos os seus ornatos, e floreios.

CAPITULO X.

Das Divisas, ou Marcas, e Cifras dos Impressores do Seculo XV. em Portugal.

SOBRE as Divisas, Emblemas, ou Marcas, e Cifras dos Impressores, pouco temos que notar nos Livros daquelle seculo; era naquelles tempos estylo mui corrente em outras partes marcarem os Impressores, os que estampavão, com suas Insignias, e Emprezas Typograficas, ou com Marcas em Cifra, em Letra, ou em figura, como vemos na maior parte de suas obras, o que de mui-
to

to póde servir para verificar as edições legítimas, e verdadeiras, e extremallas das suppostas, e contrafeitas (a). E estas Divisas, e Marcas, ou erão originaes dos Impressores, isto he, de sua propria invenção, ou herdadas, ou tambem adoptadas das mesmas Officinas, que compravão.

Os nossos não deixarão alguma vez de os imitar, usando tambem de seus enfeites, e ornamentos. Assim o vêmos no fim do 1.º, 3.º, e 4.º Livro de *Vita Christi*, aonde vem a empreza dos dois parceiros Nicoláo de Saxonia, e Valentim de Moravia, que consiste em huma tarja de figura parallelogramma, que tem no alto as duas iniciaes *N.* e *V.* cada huma de seu lado, que denotão os nomes de Nicoláo, e de Valentim, e hum menino no meio, com seu escudo pendente em cada mão, que já vem prezo do alto por fitas, ou cordões em varias voltas, e rodeios, e por fóra da tarja em circumferencia pelos quatro lados a letra *Ne projecias me in tempore senectutis cum defecerit virtus mea, ne derelinquas me. Adjuva nos Deus salutaris noster.*

Na edição da Vida do Emperador Vespasiano, não usa valentim de Moravia da mesma Divisa; mas de huma particular, pondo nella por empreza hum Leão Coroadado, e levantado sobre os pés, com hum escudo nas mãos, e huma Cedula no peito, que tem no meio a letra inicial de seu nome; e huma Cruz com bandeira, ou fita enleada, que sahe do angulo da letra com esta legenda em roda pelos quatro lados da Cedula: *Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo consolationes tue letificaverunt animam meam, et factus est mihi Dominus in refugium* (b). No Almanach de Zacuto a-

(a) Veja-se Orlando *Orig., e Progr. da Estamparia* pag. 228, e Friderico Roth. Scholtz *Thesaurus Symbolorum ac Emblematum Bibliopolarum, et Typographorum* 1730.

(b) Na Glosa sobre as Coplas de Jorge Manrique impressa por el-

chamos depois da Subscrição, humas armas ou sello, mas he de José Vizinho, Traductor dos Canones Hebraicos, que ali tem o seu nome, não do Mestre Ortas, que foi o Impressor daquella obra. E eisaqui o que soubermos dizer das origens, e progressos de nossa Typografia no Seculo XV.

M E-

le em Lisboa em 1501 ha no fim esta Divisa; mas com alguma differença, de que daremos conta nas Memorias do Seculo XVI.